

**FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

CAMILLA DA GRAÇA LANA GALDINO

**AS CRÔNICAS ESPORTIVAS DE FERNANDO CALAZANS E A
CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DA SELEÇÃO BRASILEIRA NA COPA
DE 2014: UMA DIMENSÃO POÉTICA E OPINATIVA DA TIPOLOGIA
TEXTUAL JORNALÍSTICA**

VOLTA REDONDA

2018

**FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**AS CRÔNICAS ESPORTIVAS DE FERNANDO CALAZANS E A
CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DA SELEÇÃO BRASILEIRA NA COPA
DE 2014: UMA DIMENSÃO POÉTICA E OPINATIVA DA TIPOLOGIA
TEXTUAL JORNALÍSTICA**

Monografia apresentada ao curso de
Jornalismo do Centro Universitário de Volta
Redonda como requisito parcial de avaliação
para obtenção do título de bacharel em
jornalismo.

Aluna:

Camilla da Graça Lana Galdino

Orientadora:

Prof.^a Dr^a Claudia Maria Gil Silva

VOLTA REDONDA

2018

FOLHA DE APROVAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso intitulado: As crônicas esportivas de Fernando Calazans e a construção da imagem da seleção brasileira na Copa de 2014: uma dimensão poética e opinativa da tipologia textual jornalística, elaborado por Camilla da Graça Lana Galdino, apresentado publicamente perante a Banca Avaliadora, como parte dos requisitos para conclusão do curso de Jornalismo.

Aprovada em _____ de _____ de 2018.

Banca Avaliadora:

Professor Orientador

Claudia Maria Gil Silva, Doutora, UniFOA

Professor Avaliador

Angélica Aparecida Silva Arieira, Mestre, UniFOA

Professor Avaliador

Rogério Martins de Souza, Doutor, UniFOA

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais e a meus irmãos, que sempre me apoiaram em todas as decisões que tomei.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, sempre a Ele, por todas as oportunidades que tive em minha vida e, por ter me dado a capacidade de concluir mais essa etapa. Agradeço à minha orientadora, professora Claudia Gil, por todo apoio, ajuda e paciência neste processo, aos meus pais, que sempre ajudaram, me deram suporte e fizeram de tudo para que meus sonhos se realizassem. E às minhas amigas Leonara, Lorena e Laressa, que neste ano letivo também me deram um apoio fundamental na faculdade.

“Não deixe que seus medos tomem o lugar dos seus sonhos”.

(Walt Disney)

RESUMO

A Copa do Mundo de futebol masculino é um dos eventos esportivos com maior destaque mundial. Popularmente conhecido como “país do futebol”, o Brasil sediou o evento duas vezes: em 1950 e, a última, em 2014. Por ter essa paixão enraizada no povo, foi criada uma expectativa muito grande sobre a seleção brasileira de futebol, na esperança do hexa campeonato, em solo brasileiro. Com uma atuação ruim ao longo da competição, a equipe foi derrotada na semifinal para a seleção da Alemanha, por um placar muito largo, o que deixou os jogadores e torcedores desacreditados, sendo construídas, assim, imagens (*ethé*) da equipe de futebol. A monografia, que teve caráter qualitativo e, foi estruturada por meio da revisão bibliográfica, teve como objeto de estudo as crônicas de Fernando Calazans, publicadas no jornal *O Globo* durante a Copa do Mundo de 2014. O trabalho buscou identificar as estratégias argumentativas usadas pelo jornalista para a criação dessas imagens da seleção e, mostrar que a crônica é um importante texto jornalístico que também pode formar opinião. Ao final, as hipóteses levantadas durante o trabalho foram confirmadas: as estratégias argumentativas da Teoria da Análise do Discurso podem criar novas imagens para a seleção brasileira de futebol. O objeto de estudo ainda foi pouco utilizado e esse trabalho pode servir de base para outros projetos

Palavras-chave: estratégias argumentativas; crônicas esportivas; *ethos*;

ABSTRACT

The men's soccer World Cup is one of the most prominent sporting events in the world. Popularly known as the "country of football," Brazil hosted the event twice: in 1950 and the last in 2014. Because of this passion rooted in the people, a very great expectation was created about the Brazilian football team, in the hope of the hexa championship, on Brazilian soil. With a poor performance throughout the competition, the team were defeated in the semifinals for the selection of Germany, by a very wide score, which left the players and fans discredited, being thus constructed images (ethé) of the soccer team. The monograph, which had a qualitative character and was structured through a bibliographical review, had as object of study the chronicles of Fernando Calazans, published in the newspaper O Globo during the 2014 World Cup. The work sought to identify the argumentative strategies used by the journalist for the creation of these images of the selection and, show that the chronicle is an important journalistic text that can also form opinion. In the end, the hypotheses raised during the work were confirmed: the argumentative strategies of Discourse Analysis Theory can create new images for the Brazilian soccer team. The object of study was still little used and this work can serve as a basis for other projects

Keywords: argumentative strategies; sports chronicle; *ethos*

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 A HISTÓRIA DA IMPRENSA: DE GUTENBERG AO JORNALISMO ESPORTIVA NA IMPRENSA BRASILEIRA	11
2.1 Das formas de comunicação à prensa de Gutenberg.....	11
2.2 A imprensa brasileira.....	13
2.3 O Jornalismo Esportivo no impresso brasileiro	16
3 O GÊNERO OPINATIVO: A CRÔNICA COMO UM GÊNERO TEXTUAL JORNALÍSTICO E A CRÔNICA ESPORTIVA COMO SEU SUBGÊNERO	19
3.1 Gêneros opinativos.....	19
3.2 O gênero textual crônica	22
3.2.1 Os subgêneros textuais crônica jornalística e esportiva	25
4 A ARGUMENTAÇÃO E AS ESTRATÉGIAS ARGUMENTATIVAS PARA A CONSTRUÇÃO DO <i>ETHOS</i>	30
4.1 A argumentação	31
4.2 Estratégias argumentativas	33
4.2.1 Argumentos de autoridade.....	33
4.2.2 Ironia.....	35
4.2.3 Repetição.....	36
4.2.4 Seleção Lexical.....	37
4.2.5 Operadores Argumentativos	38
5 ANÁLISE DO <i>CORPUS</i> – A SELEÇÃO BRASILEIRA NAS CRÔNICAS DE FERNANDO CALAZANS	41
5.1 Vitória justa por meio injusto.....	41
5.2 Sofrimento até o fim	45
5.3 Ainda bem que acabou.....	48
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
7 REFERÊNCIAS	53
8 ANEXO	56

1 INTRODUÇÃO

Depois de 64 anos, durante os meses de junho e julho de 2014, o Brasil, novamente, foi palco de um dos maiores eventos esportivos que existe: a Copa do Mundo de futebol masculino. No caso dos jornais impressos, principalmente nos cadernos de esporte, desde o começo daquele ano, notícias e reportagens sobre o evento e, principalmente, em torno da seleção brasileira, começaram a se tornar mais presentes. Jornalistas esportivos utilizaram, também, os gêneros opinativos (crônicas, caricaturas, comentários) para abordarem, de forma mais leve e descontraída, o assunto.

Durante a competição, a seleção brasileira chegou até as semifinais, quando foi desclassificada pela seleção da Alemanha, após perder por uma diferença muito grande no placar: 7x1. Esse resultado deixou a torcida brasileira – que esperava e tinha a oportunidade de ser campeã ‘em casa’ pela primeira vez, após ter perdido a final, em 1950, para o Uruguai – decepcionada com o time de futebol, que passou a ser desacreditado. Nos textos de caráter opinativo, nos quais o jornalista pode dar sua opinião, era demonstrada essa indignação com o resultado e com a má atuação do Brasil ao longo de todo o campeonato.

Em qualquer área do jornalismo, o principal objetivo é informar, embora alguns profissionais optem por manifestar sua opinião, utilizando, para isso, os gêneros opinativos, de modo a criar imagens positivas ou negativas sobre fatos, ou seja, o *ethos* dos personagens inseridos no contexto, já que na interação comunicativa, a linguagem é usada como um mecanismo de ação carregado de intencionalidade, capaz de exercer influência sobre o comportamento do outro.

Para que isso se realize, recorre-se ao uso de estratégias argumentativas, próprias do discurso opinativo, capazes de construir imagens dos sujeitos que protagonizam os assuntos em pauta, fazendo, dessa forma, que o jornalista se constitua em um formador de opinião para um determinado público, uma vez que em todo discurso existe uma ideologia de natureza social que o sustenta e que se associa a uma memória histórica, política e social (Fiorin, 2005). Nessa perspectiva, entende-se que os diversos e diferentes ramos das atividades humanas são produtores de práticas discursivas bastante específicas.

Posto isso, busca-se saber: quais estratégias argumentativas utilizadas nas crônicas de Fernando Calazans, publicadas no jornal *O Globo*, durante a Copa do

Mundo de 2014? De que forma tais estratégias são utilizadas por seu autor para construir uma determinada imagem discursiva? A partir dessas questões, têm-se como hipóteses que essas estratégias argumentativas utilizadas por Fernando Calazans, em suas crônicas, podem conduzir à identificação da(s) imagem(s) construída(s) e desconstruída(s) da seleção brasileira em tal campeonato esportivo e, para que se comprove isso, será realizado o levantamento e análise dessas estratégias sob a perspectiva da teoria da argumentação para que se chegue ao *ethos* previsto nas teorias da Análise do Discurso.

O trabalho tem caráter qualitativo, é estruturado por meio da revisão bibliográfica e terá como objeto de investigação as crônicas do jornalista Fernando Calazans, publicadas no jornal *O Globo*, entre 1º de Junho de 2014 a 15 de Julho do mesmo ano. Foram selecionadas para uma análise mais profunda, três crônicas em especial: *Vitória justa por meio injusto* (13/06/2014), *Sufrimento até o fim* (29/06/2014) e *Ainda bem que terminou* (13/07/2014). As demais emprestarão alguns de seus fragmentos, que servirão para exemplificar as teorias utilizadas. No entanto, os textos completos estarão disponibilizados no Anexo.

Com a presente monografia, busca-se mostrar a crônica como um importante e significativo meio de comunicação escrita, uma vez que por meio dela, um indivíduo tem a oportunidade de revelar seus sentimentos e opiniões, identificar-se irônica ou poeticamente com as circunstâncias que envolvem seu cotidiano e também como um objeto de informação, que se insere em um dado contexto.

O trabalho, que é dividido em quatro capítulos e um Anexo, irá traçar um breve histórico sobre a invenção da prensa, da imprensa gráfica no país e sobre o surgimento do jornalismo esportivo nesse meio de comunicação. Em seguida, pretende-se discorrer sobre o gênero opinativo e, em decorrência, sobre a crônica como um subgênero deste. No terceiro capítulo, falar-se-á sobre a argumentação e estratégias argumentativas para a construção do *ethos* discursivo e, por fim, serão feitas as análises das crônicas esportivas de Fernando Calazans, sob as perspectivas das teorias apresentadas no capítulo anterior.

Considera-se que o objeto de pesquisa ainda foi pouco utilizado para a produção de monografias e, assim, pretende-se que este trabalho possa servir de suporte para projetos futuros.

2. A HISTÓRIA DA IMPRENSA: DE GUTENBERG AO JORNALISMO ESPORTIVO NA IMPRENSA BRASILEIRA

Neste capítulo será realizada uma sucinta apresentação da história da imprensa e como era a comunicação antes desse feito. Trará também a história da imprensa brasileira, desde a época da colônia até os dias atuais, baseado, principalmente, em Nelson Werneck Sodré, Marialva Barbosa e outros autores. Também será feita uma abordagem sobre o jornalismo esportivo, considerado uma especialização da profissão, dentro do jornal impresso, ao longo dos anos.

2.1 Das formas de comunicação à prensa de Gutenberg

Antes da criação da prensa gráfica, a comunicação acontecia de várias formas, dependendo do local, da época e da cultura e era feita por meio de desenhos, fala, imagens, entre outros.

As primeiras civilizações se utilizavam da cultura oral e do desenho para se comunicarem. Siqueira (2002) explica que a oralidade nesses povos era usada para que suas histórias fossem passadas para as futuras gerações, por meio de contos e como não existia nenhum outro mecanismo que pudesse registrá-las, usaram-se os desenhos “em grutas, pedras, em ossos e em artefatos de argila e madeira”. (SIQUEIRA, 2002, p. 70)¹. A autora ainda diz que essa foi a primeira forma de comunicação registrada.

Outros povos antigos, como os gregos, utilizavam a oralidade em teatros, assembleias, discursos. Já os romanos e cristãos, usavam estátuas e imagens. As igrejas apresentavam em seu interior, mosaicos e vitrais que contavam alguma história. Em seu livro, Briggs e Burke (2006) dizem que a iconografia, além de comunicar, também podia persuadir. Os autores afirmam, ainda, que “as imagens serviam para aqueles que não sabiam ler – a grande maioria – da mesma maneira como a escrita servia para aqueles que liam”. (BRIGGS; BURKE, 2006, p. 18)

Os cristãos medievais acreditavam que as imagens comunicavam o necessário. Por meio delas, as pessoas saberiam tudo o que deveriam saber, como a criação, a doutrina da igreja, santos etc. Ainda na era medieval outra forma de comunicação era o ritual, que seria algo de que as pessoas se lembrariam facilmente (IDEM, 2006).

¹Disponível em <<http://www.contracampo.uff.br/index.php/revista/article/view/465/230>> acesso em 27 mai. 2018

A prensa móvel foi criada por volta de 1450, pelo alemão Johann Gutenberg e foi um marco para a história. A partir desse ano, a comunicação escrita começou a se expandir com mais facilidade, principalmente na Europa. Até 1500, a máquina de impressão já tinha sido instalada em cerca de 250 lugares do continente, produzindo 27 mil edições de livros.

Um grupo de pessoas acredita que a impressão começou com Gutenberg, porém, bem antes da invenção do alemão, os chineses e japoneses já a praticavam. Segundo Briggs e Burke (2006), pelo menos desde o século VIII.

[...] mas, o método geralmente utilizado era o chamado de “impressão em bloco”: usava-se um bloco de madeira entalhada para imprimir uma única página de um texto específico. O procedimento era apropriado para culturas que empregavam milhares de ideogramas, e não um alfabeto de 20 ou 30 letras. (BRIGGS; BURKE, 2006, p. 24)

Pena (2012) também confirma isso, quando diz que Gutenberg não é o inventor da prensa, mas ficou conhecido como se fosse porque uma das primeiras impressões feitas pela máquina foi a Bíblia, livro que hoje é o mais conhecido e lido em todo o mundo. O autor também confirma que os japoneses, bem antes, já faziam a impressão por meio da xilogravura.

Em comparação com formato e material da máquina, a prensa de Gutenberg usava metal e era inspirada nas prensas de vinho e, a partir dessa invenção, começou a “era dos jornais modernos” (Briggs e Burke, 2006). Depois disso, a produção de livros ficou mais fácil e os primeiros jornais - conhecidos na época como gazetas² - das cidades e países começaram a surgir.

Os primeiros jornais modernos foram criados na Europa, no século XVII, quando a prensa se expandiu mais fácil e rapidamente. Não se sabe ao certo qual o primeiro jornal criado após a prensa, porém, segundo a Associação Nacional de Jornais³, no Brasil, em 1609 a Alemanha criou o “Avisa Relation oder Zeitung”, que seria considerado o primeiro impresso publicado.

No início da circulação dos primeiros jornais, as principais autoridades da época, principalmente a Igreja, cujo poder sempre foi muito grande, importavam-se com o que e como as pessoas pouco letradas estavam lendo e, dessa forma, censuravam o que pudesse lhes causar algum tipo de problema, priorizando a fala

²Periódicos com formato de tabloide;

³Disponível em <<http://www.anj.org.br/jornais-breve-historia-2/>> acesso em 30 mai.2018

para continuar tendo se comunicando e mantendo o povo sob seu domínio (Briggs e Burke, 2006).

2.2 A imprensa brasileira

Assim como na Europa e em outros lugares do mundo, no Brasil os governantes também usavam da oralidade para deixar claro o que queriam. “A classe dominante usa o artifício do diálogo como forma de legitimação e manutenção de seu poder, atuando na diversidade de ideias e de vozes frente à realidade objetiva, mas sempre procurando ressaltar sua visão de mundo”. (BRANDÃO; JARDIM, 2014, p.4).

Em Portugal, os livros e outros meios impressos eram censurados, podendo circular apenas após serem analisadas e aprovadas pelo Santo Ofício da Inquisição. Havia, também, várias formas de censura para não circular ou produzir nenhum tipo de impresso no Brasil Colônia. Barbosa (2013) diz que essa proibição é a prova de que os jornais, panfletos e outros tipos de impressos podiam influenciar. “Evidência dessas proibições indica a importância da palavra impressa nessa sociedade, tomada como veículo de conhecimento e de pensamento e, sobretudo, como meio de transmissão das discussões políticas e religiosas” (idem, p.38). Sodré (1999), ainda sobre essa censura, diz que uma metrópole manter a sua colônia longe da cultura era a forma que se encontrava para dominar, pois assim, mantinha-se a ignorância do seu povo e a ideologia pregada pelos dominadores prevalecia.

No entanto, segundo Marialva Barbosa (2013), isso mudaria com o tempo, pois o reinado precisava ter aqui no Brasil panfletos com informações, documentos, enfim, outras formas de se manifestar. Foi então que D. João VI criou a Imprensa Régia, que teria a função de publicar as informações do reinado e também os livros autorizados.

Os primeiros impressos brasileiros chegaram com a coroa, de forma censurada ou por contrabando. Este último teve um aumento significativo após a abertura dos portos, em 1808. Tanto em solo brasileiro, como na metrópole, os livros, que eram censurados para a população, ficavam com o clero e profissionais como médicos, professores e advogados (BARBOSA, 2013), já que com a impressão, as ideias contrárias à corte poderiam se difundir de forma mais rápida. Apenas no fim do século XVIII é que as primeiras bibliotecas começaram a ser criadas.

Os primeiros jornais que circularam no país, ainda como colônia, foram o *Correio Brasiliense* e o *Gazeta do Rio de Janeiro* criados em 1808. Este último chegou junto com a Família Real Portuguesa, já o *Correio* começou a circular alguns meses antes. Ambos falavam sobre política, mas com abordagens diferentes. Segundo Santos, Neto e Conceição (2009)⁴, eles não tinham como objetivo a prática social. “As características desses periódicos eram de extrema opinião, com uma ideologia política forte, com uma linguagem panfletária”. (SANTOS; NETO; CONCEIÇÃO, 2009, p. 4)

O *Gazeta do Rio de Janeiro* foi criado pela Imprensa Régia, que pertencia à Portugal e era “um jornal oficial que informava comunicados do governo e publicava louvores à Família Real”. Já o *Correio Brasiliense* foi criado por José Hipólito da Costa, em Londres. Como nessa época a circulação e impressão eram proibidas, a não ser que fossem criadas ou aceitas pela metrópole, o jornal de Hipólito chegava de forma clandestina pelos portos, questionando o poder vigente e defendendo “ideias liberais como a libertação de Portugal”. (DUARTE, 2016, p. 9).

Após o surgimento da *Gazeta*, a coroa aumentou a censura em sua colônia.

Além da Mesa do Desembargo do Paço, que passou a funcionar no Rio de Janeiro, criou-se a Junta Diretora da Imprensa Régia, formada por homens ilustrados da mais estrita confiança de D. João IV, que se reunia duas vezes por semana para decidir o que seria publicado na *Gazeta* (BARBOSA, 2013, p.39; *apud* MEIRELLES, 2006, p. 59-60).

Para muitos autores, entre eles, Nelson Werneck Sodré (1999), o *Correio Brasiliense* não é considerado como um dos primeiros veículos impressos brasileiros, já que era escrito, produzido e impresso em outro país. “É discutível a sua inserção na imprensa brasileira, menos pelo fato de ser feito no exterior, o que aconteceu muitas vezes, do que pelo fato de não ter surgido e mantido por força de condições internas, mas de condições externas” (SODRÉ, 1999, p.20).

Antes da Independência do Brasil, foi criada por D. João VI a Lei de Imprensa, de modo que os impressos pudessem circular com mais liberdade, mas sempre passando por um grupo de pessoas que iria avaliar seu conteúdo.

Aplicava-se a Lei Portuguesa de 12 de julho de 1821, posta em execução na Bahia. Essa lei tinha por objetivo conter os excessos da imprensa na livre manifestação de pensamento e de opinião, por meio de um júri, um conselho de sentença denominado Juízo dos Jurados, formado por 23 pessoas escolhidas pelo regente. (BRANDÃO; JARDIM, 2014, p.4)

⁴Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-0397-1.pdf>> acesso em 11 jun. 2018

Após esse Decreto, muitos impressos foram surgindo no território brasileiro, autorizados pela Coroa. Mesmo com essa lei, a corte teria todo o controle sobre os jornais e o que seria dito, pois o interesse era “não deixar que a liberdade de pensamentos se desenvolvesse”. (DUARTE, 2016, p.13).

Antes dessa Lei, já circulava o *Idade de Ouro do Brasil*, criado em 1811, na Bahia e, assim como a *Gazeta*, comunicava a ideologia da Corte. Em 1817, passou a circular o panfleto *Preciso*, considerado revolucionário para a época, pois como a maioria dos jornais que circulava, tinha um cunho mais político. Esses impressos foram, aos poucos, representando a liberdade de expressão do povo e cada vez mais pessoas tinham acesso a eles.

Segundo Isabel Lustosa (2000), a imprensa teve um papel importante no processo de Independência e com o apoio desses jornais, campanhas como a do ‘Fico’ - quando D. Pedro foi contra as ordens da corte portuguesa e permaneceu no país - se concretizaram. (SANTOS; NETO; CONCEIÇÃO; *apud* Lustosa, 2009).

Em junho de 1821 surgiu o primeiro impresso informativo no país, o *Diário do Rio de Janeiro*, criado por Zeferito Vito de Meireles. O jornal

[...] ocupava-se quase tão somente das questões locais, procurando fornecer aos leitores o máximo de informação. Inseria informações particulares e anúncios: aqueles que tratavam de furtos, assassinios, demandas, reclamações, divertimentos, espetáculos, observações metereológicas, marés, correios; estes tratavam de escravos fugidos, leilões, compras, vendas, achados, aluguéis. (SODRÉ, 1999, p.50).

Mesmo sendo um jornal informativo, o *Diário do Rio de Janeiro* ainda não buscava o interesse do público. Isso só foi encontrado na Bahia, no mês de agosto do mesmo ano, no jornal *Diário Constitucional*, que tinha como principal objetivo lutar contra a política da época.

Na história da imprensa brasileira também existiram os pasquins, que para Nelson Werneck Sodré (1999), tinham uma linguagem diferenciada e foram importantes também para o processo de liberdade do país. O que movia os pasquins era a realidade do que acontecia no momento e “o povo brasileiro estava em luta contra Portugal não apenas por causa de sua condição nacional, mas ainda porque a Constituição oferecida pelos portugueses não era a que interessava” (idem, p. 89). Duarte (2016) diz que, esses tipos de impressos acusavam o imperador de estar ao lado dos portugueses e não do povo local.

Em 1826, com a instalação da Assembleia Geral, Senado e Câmara, a imprensa política voltou com força e a censura novamente deu uma enfraquecida. Após o surgimento dessa assembleia, livrarias e outros jornais surgiram e a luta entre o povo brasileiro e os governantes também crescia. Com novos poderes, após a abdicação do imperador e novas leis, outros meios de comunicação começaram a surgir, como a revista, por exemplo. Outros temas passaram a ser abordados, o avanço da indústria ocasionada pelos bens nacionais, como o café e o açúcar era um deles (DUARTE, 2016).

Até chegar aos jornais que conhecemos hoje, com notícias variadas, voltado para o interesse do público, o jornal impresso passou por muitas mudanças, altos e baixos, principalmente por conta da censura.

Noblat, em seu livro *A arte de fazer um jornal diário*, afirma que muitas vezes se dissesse que o jornal um dia iria deixar de circular, dando lugar a outros meios e que isso parece que realmente pode acontecer por conta da falta de interesse das próprias empresas de modificarem seus produtos e dos leitores, que tendo acesso a meios de comunicações novos e mais atraentes, como a *Internet*, vão deixando de lado os outros mais antigos. O autor (2014) ainda afirma que não se arrisca a dizer quando os jornais impressos irão desaparecer, mas até hoje eles estão entre nós e ainda são um meio de comunicação.

2.3 O Jornalismo Esportivo no impresso brasileiro

Uma das especificidades da área é o Jornalismo Esportivo, em que o profissional aborda qualquer modalidade esportiva, atletas, eventos e tudo que abrange o esporte. De acordo com Pena (2012) “todo assunto de interesse da sociedade que envolva esporte é objeto do jornalismo esportivo”.

Por muitas vezes, o jornalismo esportivo foi visto como uma forma de entretenimento, mas Heródoto Barbeiro e Patrícia Rangel (2013) discordam disso e defendem que o “jornalismo é jornalismo”, não importa a sua especialização, já que todas seguem uma regra para levar a informação.

Hoje, os brasileiros acompanham muitos esportes por meio da TV, rádio, jornal e internet, principalmente o futebol, que é considerado uma paixão entre os brasileiros. No entanto, segundo Paulo Vinícius Coelho (2013), isso não foi sempre assim, pois no início do século XX, quando as coberturas esportivas começaram a aparecer em cadernos especializados, a sociedade não aceitava as matérias

voltadas para esse tema, uma vez que não as considerava tão importantes a ponto de serem publicadas.

Pouca gente acreditava que o futebol fosse assunto para estampar manchetes. A rigor, imaginava-se que até mesmo o remo, o esporte mais popular do país na época, jamais estamparia as primeiras páginas de jornal. Assunto menor. Como poderia uma vitória nas raias – ou nos campos, nos ginásios, nas quadras - valer mais do que uma importante decisão sobre a vida política do país? (COELHO, 2013, p. 7)

Mesmo assim, os espaços para o esporte continuavam a aparecer ao longo dos anos. O jornal *Fanfulla*, em 1910, já direcionava algumas de suas páginas para o esporte. As matérias não eram periódicas, não eram capazes de formar opinião, mas aos poucos conseguiam alcançar cada vez mais pessoas.

De acordo com Coelho (2013), nessa época, o que era escrito nas folhas dos jornais diários não era considerado jornalismo esportivo, porém foi graças às primeiras informações sobre os esportes no país que as pessoas o conhecem hoje.

Cinco anos antes da primeira edição da Copa do Mundo, que ocorreu em 1930, o futebol já era algo de agrado nacional, mas mesmo assim o preconceito era grande. As conquistas da seleção levaram o povo começou a voltar seus olhos e se apaixonar pelo esporte. Com o interesse do público aumentando, os relatos esportivos começaram a ganhar espaço cada vez maior, principalmente com os irmãos Nelson Rodrigues e Mário Filho, a partir de 1940.

Ainda segundo Coelho, o parco espaço destinado aos comentários esportivos foi deixando, aos poucos, de ser pela falta de interesse, mas sim pela falta de espaço nos impressos para esse assunto, pois, haviam assuntos considerados de mais importância para serem publicados.

Em 1931, Mário Filho criou o primeiro jornal voltado exclusivamente para o esporte: o *Jornal dos Sports*. Antes desse ano, existia a *Gazeta Esportiva*, que era, entretanto, apenas como um “caderno de esporte” dentro do jornal *A Gazeta* e que só se tornou independente no ano de 1947. A partir dessa fase, muitos outros jornais esportivos foram surgindo: *Revista Esportiva* (final da década de 50 e início da década de 60), *O Jornal* (final da década de 1960), *Caderno de Esportes* (final da década de 1960).

Somente nos anos de 1970 o país conseguiu ter cadernos voltados especialmente para o esporte, pois antes disso o preconceito era muito grande, e levando-se a acreditar que o tema não era importante (COELHO, 2013). Uma prova disso é o próprio jornal *O Globo*, em que o caderno de esportes só passou a estar

presente no começo de 1974, quando era publicado apenas às segundas-feiras. Somente 36 anos depois, no dia 11 de abril de 2010, o caderno de esporte passou a ser diário e atualmente está presente quase todos os dias no jornal.

A partir desse evento, muitos cronistas – que serão apresentados no próximo capítulo - passaram pela empresa, entre eles, Fernando Calazans, que além de ser um dos principais cronistas esportivos do país, também tem uma longa história em *O Globo*. Antes de 1976, o jornalista passou rapidamente pelo jornal, retornando somente em 1988 e permanecendo até hoje, publicando suas crônicas. Desde a mudança em 2010, quando o caderno de esporte passou a ser diário, Fernando Calazans tem um espaço garantido para suas crônicas.

3 O GÊNERO OPINATIVO: A CRÔNICA COMO UM GÊNERO TEXTUAL JORNALÍSTICO E A CRÔNICA ESPORTIVA COMO SEU SUBGÊNERO

Neste segundo capítulo serão abordados os gêneros opinativos, em especial, o gênero crônica, por se constituir o principal objeto de estudo desta monografia. Tratar-se-á acerca da inserção da crônica e da crônica esportiva – esta tratada como um dos subgêneros do gênero crônica – na mídia impressa, apresentando um breve histórico dos principais cronistas nos jornais do país, com enfoque em Fernando Calazans, cujos textos constituem o *corpus* que será analisado. Usar-se-á, principalmente, como base para a produção deste capítulo, José Marques de Melo, no que diz respeito aos gêneros opinativos e Jorge de Sá, quando se tratar de crônica.

3.1 Gêneros opinativos

Na imprensa brasileira, os gêneros são divididos em quatro grandes grupos: opinativo, informativo, interpretativo e de entretenimento, sendo os dois primeiros os principais, segundo Medina (2001)⁵ e Melo (1994). Em seu trabalho acerca dos gêneros, Jorge Lellis Medina (2001), propõe uma discussão sobre a função desses gêneros jornalísticos, orientando o leitor a buscar a informação que deseja, propondo que elas

servem para orientar os leitores a lerem os jornais, permitindo-os identificar as formas e os conteúdos dos mesmos. Servem, também, como um diálogo entre o jornal e o leitor, pois é através das exigências dos leitores que as formas e os conteúdos dos jornais se modificam. Os gêneros servem ainda para identificar uma determinada intenção, seja de informar, opinar, de interpretar ou de divertir. (MEDINA, 2001, p.50)

Os gêneros jornalísticos são importantes para a profissão, já que ajudam na compreensão dos diferentes tipos de discursos usados pelos meios de comunicação (MEDINA, 2001), constituindo-se, assim, nas formas de expressão dos enunciadores. A imprensa de cada país tem por característica dividir os gêneros jornalísticos de formas distintas, diferenciando-os entre si.

Na Itália, por exemplo, a classificação é dada da seguinte forma: notícias e ideias. No grupo notícias, encontram-se; notícias, artigos, entrevistas, crônicas, noticiários e resumo. O segundo grupo abrange: comentários, editoriais e coluna. No jornalismo espanhol já se pode encontrar três grupos: o *informativo* (notícia, crônica,

⁵Disponível em <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/3196/3196.PDF>> acesso em 22 ago. 2018

reportagem); *de opinião* (editorial, comentário, nota e crítica); e o *ameno* (notas pitorescas)

O presente trabalho terá como foco o grupo *opinativo*, entendendo-se o que autores como Medina (2001) e Melo (1994) consideram como o grupo informativo mais utilizado dentro da profissão, uma vez que para eles, os textos inseridos nesse grupo têm como principal função buscar notícias ou a objetividade (MEDINA, 2001). Já no grupo opinativo, os gêneros textuais presentes são capazes de dar voz aos veículos, jornalistas e também ao público.

Segundo José Marques de Melo (1994), os gêneros opinativos no jornalismo brasileiro podem ser classificados de seguinte forma:

- a) Editorial: para Pena (2012), o editorial é o principal meio de opinião do veículo escrito por um jornalista, que geralmente concorda com a visão da sua empresa. Melo (1994) concorda com Pena ao afirmar que o editorial vai realmente expressar a opinião do dono do veículo, mas aponta que isso acontece quando for uma empresa de pequeno ou médio porte, que é totalmente bancada por seus donos, ao contrário dos grandes veículos de comunicação, que se mantêm por meio de anunciantes e patrocinadores. Assim, as opiniões desses patrocinadores também são válidas e serão expostas dentro do editorial. Essa opinião pode ser vista por meio da escolha das fotos, manchetes, títulos etc.;
- b) Comentário: expressa a opinião de um jornalista especialista no assunto em voga, geralmente, da atualidade. Por saber tanto sobre o tema, o comentarista traz mais informações e dados do que um outro profissional seria capaz de trazer. Segundo Pena (2012), ele vai “analisar os fatos, estabelecer conexões e sugerir desdobramentos” (p. 203), colocando nesses pontos a sua opinião, de uma forma mais natural, sem envolver a paixão, como explica José Marques de Melo (1994);
- c) Artigo: gênero produzido pelos colaboradores do veículo de comunicação. José Marque de Melo (1994) apresenta dois significados para o artigo: o primeiro, de senso comum, em que as pessoas consideram como artigo tudo que é publicado no veículo de comunicação; o outro significado dado pelo professor é o artigo como

gênero, no qual o jornalista, ou não, “desenvolve uma ideia e apresenta a sua opinião”(1994, p. 116). O objetivo é tratar de um assunto da atualidade, levando os leitores a terem um ponto de vista;

- d) Resenha ou Crítica: constitui-se na avaliação e análise pessoal de uma obra. Melo, entretanto, aborda a resenha e a crítica de formas diferentes. Para ele, a resenha tem, como finalidade orientar o leitor, criando assim um senso crítico acerca de determinada obra. Já a crítica tem o objetivo de atribuir valores a uma obra, de acordo com o ponto de vista do crítico;
- e) Coluna: chamada também de seção, cujo texto é assinado e a escrita tem um “estilo mais livre e pessoal” do que os demais (MELO, apud. RABAÇA; BARBOSA). Outra característica é que são textos com pouca informação e opinião. Ainda de acordo com o autor, a coluna busca o furo (informações de primeira mão), em que o colunista dará sua opinião, orientando o leitor sobre o tema;
- f) Crônica: texto descontraído e mais leve. Qualquer assunto do cotidiano pode ser pauta para uma crônica. Esse gênero, especificamente, será abordado mais adiante, em um estudo de maior profundidade;
- g) Caricatura: opinião expressa em forma de desenhos satíricos e humorísticos. Geralmente alcança muitas pessoas, pois informa de forma mais rápida o que está acontecendo, pois a imagem chama mais a atenção do que os textos corridos. Mesmo apresentando a opinião do caricaturista, os desenhos são ligados também ao interesse público e retratam pessoas ou objetos, exagerando, acentuando e ressaltando seus pontos característicos que mais se destacam;
- h) Carta: apesar de todas as informações em um jornal serem destinadas e feitas especialmente para o leitor, este ainda não pode participar diretamente da produção do veículo. Sua única forma de participação é por meio da carta, na qual ele pode expor seus pensamentos, opiniões, sugestões, comentários sobre determinada matéria publicada, por exemplo.

José Marques de Melo aponta que essa divisão dos gêneros é algo característico do Brasil, graças aos vários imigrantes que chegaram ao país ao longo dos anos.

Nosso jornalismo é contemporaneamente o resultado cultural desse conjunto de motivações forâneas, sem que isso queira significar a existência de uma fisionomia amorfa, produzida pelo entrecruzamento dos padrões estrangeiros. Na verdade, o jornalismo brasileiro estruturou-se criativamente, absorvendo com seletividade os modelos que nos insinuaram ou impuseram, adquirindo feição diferenciada. (MELO, 1994, p. 181)

Ao analisar a divisão dos grupos apresentados, Melo, baseado em Luiz Beltrão (1980) afirma que a brasileira é uma das mais funcionais, já que são vistas, claramente, as funções de cada gênero e os grupos em que são divididos: *informativos*, que relatam os fatos de forma objetiva; os *interpretativos*, que como o próprio nome já diz, interpreta os fatos; os de *entretenimento*, que servem para a distração e diversão do leitor; e, por fim, o *opinativo*, que busca mostrar um ponto de vista acerca de um determinado tema.

3.2. O gênero textual crônica

De acordo com as teorias apresentadas, pode-se afirmar que a crônica é um gênero opinativo e está presente no Brasil desde o descobrimento do país. Segundo Sá (1997), o texto de Pero Vaz de Caminha, assim que chegou ao solo brasileiro, é dado como a primeira crônica ou “pelo menos um começo de estruturação”.

Indiscutível, porém, é que o texto de Caminha é criação de um *cronista* no melhor sentido literário do termo, pois ele recria com engenho e arte tudo o que ele registra no contato direto com os índios e seus costumes, naquele instante de confronto entre a cultura europeia e a cultura primitiva. (SÁ, 1997, p. 5)

Ou seja, ainda que ele tenha usado uma linguagem mais poética, a crônica de Caminha não deixava de informar a Portugal o que tinha sido encontrado no Brasil, de acordo com a visão do português. Jorge de Sá ainda diz que a crônica é uma união entre jornalismo e literatura, por isso, é um gênero que pode ser encontrado tanto no jornalismo literário quanto no opinativo.

Esse gênero, segundo Melo (1994, p. 145), é considerado “tipicamente brasileiro”, sendo sua produção diferenciada, se comparada a outros países. Para ele, no Brasil, a crônica toma “a feição de relato poético do real, situado na fronteira entre a informação de atualidade e a narração literária” (IDEM, p. 146). Já em outros países, a crônica tem sentido de narração histórica, no que se refere à cronologia, isso porque, a “crônica” tem origem da palavra *Cronos*, que na mitologia grega é o

deus do tempo, assim, o estilo de texto seguiria uma ordem linear (SIEBERT, 2014)⁶.

A crônica que se conhece hoje se originou dos *folhetins* franceses. No Brasil, entre os anos de 1881 e 1921, o *folhetim* ocupava apenas um pequeno espaço destinado a ele. Sá explica que esses textos ficavam no rodapé das páginas dos jornais e eram “pequenos contos, pequenos artigos, ensaios breves, poemas em prosa” (SÁ, 1997, p.8), ou seja, qualquer texto que pudesse informar sobre os acontecimentos da época. Por conta desse histórico, autores como Jorge de Sá (1997) afirmam que as crônicas surgiram já no jornal.

Nessa época, grandes nomes surgiam, como Machado de Assis, considerado um dos maiores escritores da literatura brasileira, colaborou muito com jornais da época, como *Correio Mercantil*, *Diário do Rio de Janeiro*, *Jornal das Famílias*, e na revista *O Espelho* (ASSIS, 2009)⁷, tratando dos problemas do século XIX, como a monarquia e escravidão, por exemplo, com refinada ironia.

Outro nome importante nesse cenário foi Lima Barreto, que colaborou com os jornais *Correio da Manhã* e *Jornal do Commercio*, além de alguns periódicos e revistas.

[...] escreveu o suficiente para, só para falarmos em gêneros, nos remeter ao romance, ao conto, à crônica, ao artigo jornalístico, à crítica literária [...] abordando temas como: racismo, corrupção na política, militares e a violência contra civis, violência contra mulher, ostentação social, parcialidade da imprensa, literatos esnobes e hermetismo, feminismo, futebol e violência, depressão e loucura, transformações arquitetônicas no Rio de Janeiro e muitos outros”. (CUTI, 2011).

Próximo a essa época, entre 1881 e 1921, Paulo Barreto, com o pseudônimo João do Rio, consolidou a crônica no Brasil. Percebendo as mudanças sociais, entendia que os autores da época também deveriam mudar o seu estilo de escrita. “Mudando o enfoque, mudaria também a linguagem e a própria estrutura folhetinesca” (SÁ, 1997, p.9).

Então, a partir de 1930, o número de jornalistas e escritores cronistas começou a crescer. Nessa época, outros grandes e conhecidos nomes também se firmaram, como Carlos Drummond de Andrade, Mário de Andrade, Manuel Bandeira,

⁶ Disponível em <http://portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/2605/1897> acesso em 09 out. 2018

⁷ Disponível em <<https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=7-zJAwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT13&dq=Machado+de+Assis&ots=nflBO0lzzv&sig=OYRE-DE8-ydTGdMk7h8hhoVst5U#v=onepage&q&f=false>> acesso em 11 out.2018

Fernando Sabino, Vinícius de Moraes, Rubem Braga, entre outros. Isso se deu graças à modernização da imprensa, quando os jornais começaram a ter caráter mais comercial, aumentando, assim, seus leitores e também o número de seções e espaços destinados a outros estilos textuais.

Rubem Braga teve vital importância para o jornal *O Globo*:

No conjunto das crônicas de Rubem Braga sempre foi ressaltado o lirismo com que tratava coisas simples do dia-a-dia, estados de alma, bichos etc. Mas o escritor também sabia ser um crítico mordaz das mazelas do país, como a burocracia, abordada por ele em várias crônicas que escreveu na sua segunda passagem pelo GLOBO, de 1959 a 1961⁸.

Para Sá (1997), Carlos Drummond de Andrade é o cronista-poeta, por colocar em suas crônicas a poesia.

A passagem de Drummond pelo GLOBO deu-se na trajetória do poeta por alguns dos mais importantes jornais do país, numa relação com a imprensa tão intensa quanto sua produção literária, marcada pelo lançamento de essenciais livros de crônicas e poesias.⁹

E ainda, Fernando Sabino, que com humor, “denuncia as formalidades sociais” (SÁ, 1997, p.25). No jornal *O Globo*, ele escrevia “uma coluna dominical de crônicas chamada Dito e Feito, publicada no suplemento *Jornal da Família*”.¹⁰

Considerada um texto de linguagem mais atraente, descontraída e leve, a crônica pode ter como tema qualquer assunto do cotidiano (MELO,1994) e outra característica citada pelo autor é que ela contém os três pontos principais de um texto jornalístico: atualidade (assuntos do cotidiano que interessam ao leitor); oportunidade (ou periodicidade – regularidade de que um texto é publicado); e difusão coletiva (alcance do maior número de pessoas).

Sá (1997) argumenta que essa linguagem é dada exatamente porque a crônica já veio do meio impresso. Como o jornal é algo diário, suas produções devem ser mais ágeis e isso se encaixa perfeitamente bem para a produção do gênero crônica.

Por isso a sua sintaxe lembra alguma coisa desestruturada, solta, mais próxima da conversa entre dois amigos do que propriamente do texto escrito. Dessa forma, há uma proximidade maior entre as normas da língua escrita e da oralidade, sem que o narrador caia no equívoco de compor frases frouxas, sem a magicidade da elaboração, pois ele não perde de

⁸ Disponível em <<http://memoria.oglobo.globo.com/jornalismo/cronistas-e-colunistas/rubem-braga-11029639>> acesso em 12 out. 2018

⁹ Disponível em <<http://memoria.oglobo.globo.com/jornalismo/cronistas-e-colunistas/carlos-drummond-de-andrade-10983230>> acesso em 12 out. 2018

¹⁰ Disponível em <<http://memoria.oglobo.globo.com/jornalismo/cronistas-e-colunistas/fernando-sabino-11027297>> acesso em 12 out. 2018

vista o fato de que o real não é meramente copiado, mas recriado. (SÁ, 1997, p. 11)

Ramos (1970, p.76) afirma que escrever uma crônica, mesmo que tenha essa linguagem mais descontraída, não é tão fácil “é, talvez, o mais difícil gênero do trabalho jornalístico, porque exige não apenas técnica, que se pode aprender, mas também arte, que é dom”.

Com o tempo, a crônica começou a ganhar outras coberturas especializadas, o que Melo (1994) chama de “*reportagem setorial*” e, desse gênero, surgiram, então, os seus subgêneros, como a crônica policial, crônica esportiva, crônica jornalística, crônica humorística, entre outras, ainda segundo o autor.

3.2.1 Os subgêneros textuais crônica jornalística e esportiva

Segundo Costa, Neto e Soares¹¹, a crônica ganhou força no país, no Rio de Janeiro, no século XX. A cidade, na época, por ser a capital do Brasil, tinha todas as atenções voltadas para ela.

Lucena (2003) aponta José de Alencar como o primeiro cronista esportivo brasileiro. Ele falava sobre o Jôquei no ano de 1854, esporte tradicional e popular da época, mas segundo Costa, Neto e Soares, foi Mário Filho quem solidificou tal especificidade, trazendo para ela uma nova linguagem, cuja forma era mais simples e agradável. Paulo Vinícius Coelho (2013) afirma que os irmãos, Mário Filho e Nelson Rodrigues foram essenciais para o crescimento da crônica esportiva nos meios impressos, especialmente se tratando das crônicas que tinham como tema o futebol, a partir dos anos 1940.

Mario Filho inventou uma nova distância entre o futebol e o público. Graças a ele, o leitor tornou-se tão próximo, tão íntimo do fato. E, nas reportagens seguintes, iria enriquecer o vocabulário da crônica de uma gíria irresistível. E, então, o futebol invadiu o recinto sagrado da primeira página [...]. Tudo mudou, tudo: títulos, subtítulos, legendas, clichês [...]. Sim, fomos profissionalizados por Mario Filho (RODRIGUES, 1987, p. 137-138).

As crônicas acabavam por influenciar os leitores por conta da forma que eram escritas, “os cronistas cuidavam mais do personagem e suas histórias, eventualmente romanceando-as (...) crônicas recheadas de drama e de poesia enriqueciam as páginas dos jornais em que Nelson Rodrigues e Mário Filho escreviam” (COELHO, 2013, p.17) e assim, o público que admirava algum jogador

¹¹Disponível em <<https://www.revistas.ufg.br/feff/article/view/198/1230>> acesso em 01 set. 2018

ou time, iria aos estádios para ver tudo aquilo que lia, isso porque, segundo Nabantino Ramos, “a crônica deve ser capaz, senão de comover o leitor, pelo menos fazê-lo pensar, sentir, ao pôr em movimento algumas de suas emoções” (MELO, *apud*. RAMOS, 1994, p.161).

Vale ressaltar que antes de Nelson Rodrigues e Mário Filho, outros cronistas também ficaram marcados por escreverem romances sobre esporte, quando esses textos ainda não eram configurados como *crônica esportiva* e entre eles: Lima Barreto, Coelho Netto, Monteiro Lobato, Olavo Bilac, Graciliano Ramos e outros.

Tais cronistas abordavam temáticas gerais, associadas ao cotidiano, isto é, tratava-se ainda do colunismo social. Portanto, não existia uma periodicidade em relação ao assunto esporte, ainda mais no tangente ao futebol – que nos primeiros anos do século XX ainda disputada a preferência do público com outras modalidades. (CAMPRARO *apud* MELO, 2007, p.39)

A crônica esportiva, no começo de suas publicações, não era muito popular e seu espaço nos impressos também era reduzido, só começando a ter mais destaque com a popularização do futebol, considerado uma paixão nacional. Nos anos 1940 Mário Filho é reconhecido como uma importante peça para o desenvolvimento da crônica esportiva brasileira.

Unanimidade como um dos maiores cronistas esportivos da história do país, um torcedor apaixonado pelo futebol, Mário Filho fez desse esporte também a base para bem sucedidas incursões literárias [...] De 1938 a 1952 ele dirigiu, com Roberto Marinho, a revista “O Globo Sportivo”, um seminário que cobria todos os esportes, com ênfase, claro, no futebol.¹²

Além disso, também escreveu livros importantes como “Copa Rio Branco”, “O negro no futebol brasileiro”, “Histórias do Flamengo” e “Romance do futebol”. Seu irmão, Nelson Rodrigues, que começou escrevendo na seção policial, também teve uma passagem importante pelo jornal, escrevendo em várias seções, em que publicou “À sombra das chuteiras imortais” e “Meu personagem da semana”.

Maior nome do teatro nacional, Néilson Rodrigues entrou no GLOBO, pela primeira vez, em 1931 [...] saiu em 1945, mas voltou à redação em 1962 [...] Na volta ao GLOBO, passou a escrever sobre esporte e, em 1967, iniciou suas “Confissões”. Além de teatrólogo brilhante, Néilson era um apaixonado pelo futebol – por notória influência do irmão Mário Filho. Foi por sua orientação que ele trocou a reportagem policial pela seção de Esporte. Nos seus textos, transbordava a paixão pelo Fluminense.¹³

¹² Disponível em <<http://memoria.oglobo.globo.com/jornalismo/cronistas-e-colunistas/mario-filho-1-12047153>> acesso em 07 out. 2018

¹³ Disponível em <<http://memoria.oglobo.globo.com/jornalismo/cronistas-e-colunistas/neacutelson-rodrigues-10958608>> acesso em 07 out. 2018

Atualmente, há vários cronistas que escrevem para o caderno de esporte do impresso, como Renato Maurício Prado, Fernando Calazans e Luiz Fernando Veríssimo, que não é jornalista esportivo, mas esporadicamente e em momentos especiais como a Copa do Mundo, mantém-se focado no cotidiano esportivo.

A necessidade que o ser humano tem de se comunicar nas diferentes e diversas situações sociais dá origem aos diferentes gêneros textuais. “É cada uma dessas situações que determina, pois, um gênero, com características temáticas, composicionais e estilísticas próprias” (KOCH, 2002, p. 54), visto isso, a não estaticidade dos gêneros se justifica, portanto, pela não estaticidade das situações sociais.

Para a autora (idem, p. 55) “a escolha do gênero se dá em função dos parâmetros da situação que guiam a ação e estabelecem a relação meio-fim” (KOCH, 2002, p.55), portanto, e ainda segundo Koch (2006), o ser humano é capaz de compreender e produzir diversos gêneros textuais instintivamente e o domínio de tal diversidade é o que possibilita que a comunicação se dê pelos textos que se produzem nos diferentes gêneros.

Entende-se, portanto, que os gêneros não se definem por sua forma, mas por sua função, o que permite que vários gêneros se mesquem, dando origem aos subgêneros textuais, cujo limite estaria intrinsecamente relacionado à necessidade de comunicação social. Para que o leitor possa entender melhor os fatos do cotidiano e relacioná-los a outros, a crônica, no jornal impresso, mistura-se com a opinião para mostrar um fato de forma diversa. Tal mecanismo dá origem à crônica jornalística, entre ela, a crônica esportiva, que será tratada como um subgênero do gênero crônica e que faz parte do espaço de opinião de um jornal. Segundo Melo (2013, p.97),

o espaço da opinião foi sendo moldado dentro do jornalismo brasileiro e esta passa a interagir com os conteúdos informativos de forma concentrada. Deste modo, os textos opinativos, em geral, se originam em um algum acontecimento noticiado pelos textos informativos (idem, 2013, p.97)

Estabelece-se como objeto de investigação as crônicas esportivas de Fernando Calazans em um recorte específico “Copa do Mundo de 2018”, com vistas a situá-las em um tempo/espaço de significação social e histórica relevante, de modo a contribuir para a identificação e compreensão dos efeitos de sentido produzidos em textos considerados tanto de informação quanto de opinião, dado

que representam a soma da história do que está acontecendo na sociedade e do jornalismo, além, é claro, da escrita literária, cujas sequências estruturais específicas são capazes de diferenciá-las entre si, pois são textos que se organizam de vários modos: o narrativo, o descritivo, o argumentativo, o expositivo, o enunciativo e o injuntivo (OLIVEIRA, 2004, p.188).

Segundo o autor, cada modo de organização de texto traz consigo aspectos extratextuais que equivalem a uma área de atividade humana: jornalística, literária, publicitária, entre outras e ainda “uma subcategoria a que chama *gênero textual* que está subordinada ao tipo textual – num tipo textual jornalístico podemos ter os gêneros textuais notícia, editorial, por exemplo.” (SILVA, 2016, p. 48). Para a autora, não há um modo puramente narrativo, ou argumentativo, ou descritivo etc., todos se misturam e auxiliam na construção dos significados, podendo-se afirmar que existe, portanto, a prevalência de um deles em cada produção textual.

Isso posto, é viável afirmar que as crônicas literárias, por exemplo, passam pelos modos de organização narrativo e descritivo, já que que narram uma situação (real ou imaginária), descrevem lugares, pessoas, por exemplo, mas no subgênero crônica jornalística, seja ela esportiva ou não, em que se faz presente uma opinião, percebe-se também o modo argumentativo de organização do texto. Os domínios textuais literário e jornalístico são, portanto, alguns dos “lugares” por onde transitam o gênero crônica e seus subgêneros.

Compreendermos, pois, que a palavra transita num universo discursivo cuja finalidade é constituir sentidos, de modo que nos vejamos dentro de um ato de linguagem e identifiquemos as ideologias e intencionalidades presentes nesse ato, para que possamos relacionar o discurso a um domínio específico, a fim de harmonizá-lo com a situação de comunicação.(SILVA 2016, p. 66)

As crônicas serão tratadas neste trabalho como um gênero textual e a crônica esportiva como um de seus subgêneros e será enfocada como pertencente ao modo narrativo de organização do texto, em que a argumentação é o elemento capaz de cumprir com a intencionalidade comunicativa e favorecer sua compreensão, portanto, suas análises terão como foco seu alto índice de persuasão, o que pressupõe um alguém a ser persuadido, ou seja, o leitor.

Segundo Koch (1999, p. 19), “Toda ação verbal é dotada de intencionalidade”, uma vez que ao fazer uso da palavra, o homem “manifesta seu desejo de compartilhar ideias, provocar a mudança de opiniões, divulgar ideologias, realizar,

enfim, uma ação sobre o mundo” (Silva, 2016, p 86). Ao se dar enfoque, especificamente, às crônicas esportivas, poder-se-á observar que sua essência é predominantemente narrativa, embora a argumentação esteja presente e seja fundamental para que se constitua o espaço em que o ponto de vista do autor seja exposto, de modo a convencer e persuadir seus leitores.

Segundo Citelli (2007, p.95), “O discurso persuasivo [...] quer levar-nos a conclusões definitivas: prescreve-nos o que devemos desejar, compreender, temer, querer e não querer”, sobrepondo a verdade de um indivíduo a de outros. Para Abreu (2007, p. 93-94), argumentar é

também persuadir, preocupar-se em ver o outro por inteiro, ouvi-lo, entender suas necessidades, sensibilizar-se com seus sonhos e emoções. [...] Argumentar é motivar o outro a fazer o que queremos, mas deixando que ele faça isso com autonomia, sabendo que suas ações são frutos de sua própria escolha. [...] Persuadir é ter certeza de que o outro também ganha com aquilo que ganhamos. [...] Argumentar é também dosar, “na medida certa”, o trabalho com ideias e emoções. A “medida certa” é gastar mais tempo em persuadir do que em convencer. Uma boa proporção é utilizar trinta por cento do tempo convencendo e setenta por cento persuadindo. (ABREU, 2007, p. 93-94).

Ainda de acordo com Abreu, ao argumentar pode-se ter em mente a persuasão, ou seja, gerenciar a relação, falar à emoção do outro; ou ainda o convencimento, falando à razão, gerenciando informação, demonstrando, provando, fazendo com que o outro pense conforme se deseja que ele pense. Persuadir, portanto, é construir no terreno das emoções, é sensibilizar o outro para agir. Quando se persuade alguém, esse alguém realiza algo que se deseja que ele realize. Convencer é construir algo no campo das ideias. Quando se convence alguém, esse alguém passa a pensar como se deseja que ele pense.

Ao analisar o *corpus* selecionado para este trabalho, observar-se-á o modo de organização textual com que as crônicas de Calazans são organizadas e de que expediente argumentativo faz uso o autor ao passar sua opinião.

4 A ARGUMENTAÇÃO E AS ESTRATÉGIAS ARGUMENTATIVAS PARA A CONSTRUÇÃO DO *ETHOS*

O *ethos* “é um termo emprestado da retórica antiga e designa a imagem que o locutor constrói em seu discurso para exercer uma influência sobre o seu alocutário” (CHARAUDEAU, 2004, p.220). O mesmo autor (2008, p.116) afirma que “o *ethos* não é necessariamente coincidente com o que o destinatário percebe, reconstruído ou construído, pois este último pode muito bem construir um *ethos* do locutor que este não desejou...” As estratégias argumentativas, por exemplo, poderão construir imagens positivas ou não, de um determinado indivíduo, condicionada pelo ponto de vista do coenunciador.

A construção textual das crônicas de Calazans oferece condições para o estabelecimento da multiplicidade de posições ideológicas e a heterogeneidade de um universo que admite posições contraditórias, pois as vozes que falam em seus textos expõem pontos de vista diferentes acerca do mundo em que está inserido – no caso, o mundo da Copa do Mundo de Futebol.

Escolhas lexicais, por exemplo, são realizadas de modo a dar dinamicidade ao texto, provocando manifestações linguísticas novas e distintas que permitem o enriquecimento dos significados e da construção de novas possibilidades de expressão. Como consequência, identidades individuais (*ethe*) são constituídas no texto do cronista, que o utiliza como uma forma de ação dotada de intencionalidade.

Os modos de organização textual de que faz uso vão orientando seu texto, adequando-o às mudanças, de modo a atingirem um destinatário específico: o leitor que ama o futebol, estabelecendo-se, portanto, uma relação dialógica, que Maingueneau (2008, p. 52 – 56) denomina interatividade: “a pessoa que interpreta o enunciado reconstrói seu sentido a partir de indicações presentes no enunciado produzido, mas nada garante que o que ela reconstrói coincida com as representações do enunciador.” (idem, p. 20).

Segundo Silva (2016)

as escolhas realizadas não são aleatórias, mas extremamente responsáveis por determinar o EU que se posiciona diante de um assunto, mostrando ou preservando o que se supõe serem suas opiniões e convicções, simpatias e antipatias de modo a constituir e revelar o *ethos* enunciativo.

Neste capítulo será realizada uma breve apresentação das estratégias argumentativas que servirão de base para a análise que se propõe neste trabalho e, para ilustrá-las, serão utilizados alguns fragmentos das crônicas de Fernando

Calazans, escritas e publicadas durante a Copa do Mundo de 2014 no jornal *O Globo*, mas que não constituem o *corpus* de análise, a fim de que a leitura deste trabalho não se torne cansativa. O texto completo dos fragmentos retirados para exemplo de cada estratégia está disponibilizado no Anexo.

4.1 A argumentação

Os estudos linguísticos sobre a argumentação existem desde a Grécia Antiga quando já se discutia sobre a importância do domínio da palavra. As escolas da época ensinavam técnicas para dominar a palavra de maneira convincente e elegante. A retórica era a disciplina que tinha essa preocupação.

Até o final do século XIX, o estudo da retórica ficou vinculado apenas ao embelezamento do texto, mas Chaïn Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca escrevem *O Tratado da Argumentação (A nova retórica)*, retomando a teoria clássica aristotélica e destacando, por exemplo, os esquemas argumentativos e a relação entre quem defende uma tese e quem a recebe.

Mostram, em sua obra, que o texto argumentativo se diferencia dos outros modos de organização pela presença de um tema considerado polêmico e a presença de uma tese, que será apoiada em argumentos, a fim de convencer seu público-alvo. Afirmam que toda argumentação tem por objetivo aumentar a adesão dos espíritos (auditório) às teses apresentadas:

Uma argumentação eficaz é a que consegue aumentar a intensidade de adesão, de forma que se desencadeie nos ouvintes a ação pretendida (ação positiva ou abstenção) ou, pelo menos, crie neles uma disposição para a ação, que se manifestará no momento oportuno. (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 1996, p.50)

Segundo Carneiro (2001, p. 106-109), o argumentador é a pessoa que traz os argumentos para o texto e seu direito à fala só se dá nas seguintes situações: quando possui credibilidade, quando tem autoridade, quando está no exercício de um direito ou de um dever – condições textuais, não necessariamente reais. O autor afirma, ainda, que se deve supor uma discussão sobre o tema, ou seja, “a possibilidade de uma posição sobre o mesmo ponto de debate e, por isso mesmo, a existência de alguém a convencer”.

Já a tese, para ele, “representa uma tomada de posição diante do tema e pode ser apresentada de acordo com uma posição já tomada ou em oposição a ela”, e os argumentos que a sustentam podem ser produtos da experiência pessoal do

argumentador, testemunhos de autoridade, evidências ou julgamentos (inferências deduzidas dos fatos). Quanto ao público-alvo, Carneiro o define como o destinatário da mensagem argumentativa, cuja imagem é construída pelo argumentador, que molda sua argumentação de acordo com essa suposição, estabelecendo, dessa forma, o esquema seguinte:

argumentador → tema → tese → argumentos → público-alvo
--

Oliveira (2001) afirma que para que se considere um texto, ou fragmento de texto, em que predomine o modo de organização argumentativo, é necessário que contenha “uma afirmação sobre o mundo (tese do argumentador), resultante de uma tomada de posição do argumentador com relação à tese proposta e um ou mais argumentos que levam o sujeito-alvo da argumentação à adesão” (Idem, p.3), ou seja, ao seu “auditório”.

Importante, portanto, conhecer o auditório a que se destina a argumentação. Segundo Abreu (2007, p. 41-42) auditório é “o conjunto de pessoas que queremos convencer e persuadir” e pode ser composto por milhares de pessoas, por um grupo pequeno ou por uma única pessoa, considerando-se, portanto, a noção de dois tipos de auditório: o universal e o particular, introduzida por Perelman & Olbrechts-Tyteca (1996), em que demonstram, inclusive, que sua determinação é muito difícil, às vezes.

Um auditório universal seria o “conjunto de pessoas sobre as quais não temos controle de variáveis”, pertencendo, portanto, a ele, por exemplo, homens e mulheres de idades, classes sociais, níveis de instrução diferentes. O auditório particular constituiria, então, “um conjunto de pessoas cujas variáveis controlamos” (IDEM, p.21-22), ou seja, formado por um determinado grupo de pessoas que possuem características em comum. Ao argumentar, deve-se, no entanto, expor somente um ponto de vista que possa ser defendido perante quaisquer dos dois auditórios.

A questão que interessa a este trabalho é “como delimitar o auditório de um escritor se, em geral, os leitores não podem ser determinados com precisão?” Não há como, senão delimitá-lo como “o conjunto daqueles que precisa influenciar com a argumentação”. Ainda segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca, “o importante, na argumentação, não é saber o que o próprio orador considera verdadeiro ou probatório, mas qual é o parecer daqueles a quem ela se dirige” (1996, p.26-27).

Posto isso, informa-se que as análises serão realizadas entendendo que toda argumentação ocorre em função do auditório que se deseja convencer ou persuadir e a linguagem e o uso adequado de suas estratégias argumentativas serão responsáveis pela comunicação com o auditório e das imagens que se desejam construir.

4.2 Estratégias argumentativas

As estratégias argumentativas são recursos utilizados pelo enunciador, como forma de interagir com o seu leitor e irão reforçar o que vai ser dito. Segundo Farneda (2007, p. 1)¹⁴

[...] é necessário ressaltarmos a importância de fatores linguísticos e paralinguísticos que, juntos, resultam em efeitos de sentido, possibilitando detectar que o discurso pode ser intencional e que os participantes, conscientemente ou não, utilizam-se de estratégias para convencer e/ou persuadir o outro.

Elas estão presentes nos mais variados gêneros textuais e se apoiam em recursos linguísticos que constroem e reforçam sua eficácia, podendo ser verbais e não verbais e utilizados para envolver o interlocutor.

Como exemplos de estratégias argumentativas, podem-se citar os tempos verbais, argumentos de autoridade, seleção lexical, a repetição, a exemplificação, os advérbios e as expressões atitudinais, os operadores argumentativos, a ironia, entre outros. A seguir, serão apresentadas as estratégias argumentativas que se julgam ser as mais recorrentes nas crônicas escritas por Fernando Calazans, durante a Copa do Mundo. Entretanto, ressalta-se que não se deixará de analisar outras estratégias que, porventura, sejam utilizadas pelo cronista, sendo que estas serão citadas e fundamentadas somente na análise do *corpus*.

4.2.1 Argumentos de autoridade

O uso dessa estratégia é uma forma de comprovar a veracidade do que está sendo dito. Pode ser considerada uma das mais fortes estratégias, pois o enunciador utiliza em seus textos ou falas, outras fontes, como por exemplo,

¹⁴ Disponível em

<https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/40436650/discursofeminino.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1540136162&Signature=bsX6LMXmB%2B%2B9r799aW%2B87vDVPXs%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DESTRATEGIAS_ARGUMENTATIVAS_NO_DISCURSO_F.pdf> acesso em 19 out. 2018

especialistas sobre o assunto tratado para comprovar a sua tese. Segundo Garcia (2010, p. 233)

Quando, na pesquisa da verdade, nos baseamos em afirmações alheias dignas de crédito, nos servimos de testemunhos autorizados, estamos aplicando o que se chama de *métodos de autoridade*. [...] o método de autoridade constitui processo de investigação da verdade indispensável ao progresso da ciência.

O uso das falas, dados e até opiniões de outras pessoas que sejam reconhecidas pelo público a que se destina o texto, como autoridade sobre tema tratado, fortalece os argumentos utilizados pelo enunciador, pois segundo Citelli (1994, p. 73), os vários graus de poder e subordinação conferidos a determinados personagens, nas sociedades em que se vive, garantem a certos indivíduos o direito de enunciar, porque considerados “voz de autoridade”: os advogados, por exemplo, dão esclarecimentos sobre os direitos e deveres dos cidadãos; os médicos falam sobre questões de saúde; os professores sobre a educação e assim, os discursos ganham credibilidade e se tornam mais valorizados.

O argumento de autoridade, para Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996, p. 348), é também considerado como de prestígio mais influente, uma vez que “utiliza atos ou juízos de uma pessoa como meio de prova a favor de uma tese”, embora muito atacado nos meios hostis à pesquisa científica e seu uso ter sido considerado abusivo, pois concede “um valor coercitivo, como se as autoridades invocadas houvessem sido infalíveis”. Ainda assim, os autores reconhecem sua extrema importância na argumentação, pois quando seu valor é contestado, não se questiona o argumento e sim a autoridade invocada.

Os argumentos de autoridade constituem, portanto, estratégias argumentativas que tentam sustentar uma tese por meio do conhecimento ou reputação de uma autoridade (uma pessoa, uma obra ou instituição) previamente eleita por uma comunidade, que a reconhece por sua excelência e competência em determinada especialidade.

A autoridade, quando revestida de certas condições que a tornam legítima, desempenha, portanto, um papel de grande importância no progresso da ciência, pois os cientistas, sob pena de se condenarem à paralisia intelectual, aceitam à título de base histórica, devidamente controlada, as observações e experiências de seus antecessores que eles não podem verificar por si mesmos. (SANTOS, 1964 *apud* GARCIA, 2006, p. 308-309)

A título de exemplo de argumento de autoridade, o fragmento que inicia a crônica intitulada “*A quinta-feira chegou*”¹⁵, o uso da voz de autoridade se torna evidente: “*Foi Daniel Alves quem proclamou no início da semana: “Tudo está dentro do planejado. Só falta chegar a quinta-feira.”*”. O cronista traz um dos principais jogadores da seleção brasileira para apoiar o seu comentário: “*Vamos começar a saber se tudo está mesmo dentro do planejado, como pensa não só Daniel Alves, mas toda a equipe brasileira, incluindo o técnico Felipão.*”

A frase de Alves se junta, portanto, ao coro dos atletas e da comissão técnica brasileira, como uma voz que não pode ser contestada, incorporando maior efeito ao comentário de Calazans, ratificando-o.

4.2.2 Ironia

A ironia é usada, muitas vezes com ar cômico, quando “quer-se dar a entender o contrário que se diz” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 1996, p.235). Geralmente essa estratégia é utilizada para criticar e desvalorizar algo que o locutor, ou um grupo de pessoas, não concorda, “numa relação de oposição [...] Em geral se costuma traduzir ironia por dissimulação ou fingimento” (KIERKEGAARD, 2017)¹⁶

Vale ressaltar que, apesar de usualmente ser utilizada como deboche para desvalorizar algo, a ironia também pode fazer oposição para algo positivo. É o que apresenta Benetti (2007) ao mostrar que, de quatro modos, há dois mais comuns de ironia: a antífrase e o sarcasmo.

Para a autora, “a *antífrase* exprime ideias antitéticas por meio de palavras de sentido contrário e o *sarcasmo* configura-se como uma ironia desqualificadora, ofensiva ou até mesmo injuriosa” (IDEM, p. 40), ressaltando, ainda, que a *antífrase* não precisa necessariamente criticar algo como o sarcasmo faz.

Ao usar a ironia o argumentador também deve ser cauteloso para que a mensagem seja passada corretamente. Segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996, p. 236), o uso da ironia requer conhecimento sobre o assunto para que não haja dúvidas sobre as reais opiniões do locutor e afirmam, ainda, que o grupo ao qual será dirigido o texto já deve saber quais são os pensamentos do autor do texto para que essa estratégia seja “ainda mais eficaz” .

¹⁵ Cf. Anexos

¹⁶ Disponível em <<https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=6oYvDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT2&dq=ironia&ots=1tuE9mYZxB&sig=4Vg8fdSjgj7iulqmYKd9bEGXDV4#v=onepage&q=ironia&f=false>> acesso em 21 out. 2018

Na crônica “*Pelo menos não perdemos*” publicada em 18 de junho de 2014, a ironia já se instala no título, pois ao se ler o primeiro parágrafo, percebe-se a expectativa que se tinha sobre o desempenho da seleção brasileira de futebol, com relação à partida que faria contra o México: *Quem esperava a vitória do Brasil sobre o México pode até ter saído satisfeito do estádio, em Fortaleza, porque, ao menos, nosso time não perdeu.*”

4.2.3 Repetição

Segundo Luiz Antônio Marcuschi (2006, p. 19) “a repetição é uma das estratégias de formulação textual mais presentes na oralidade. Por sua maleabilidade funcional, a repetição assume um variado conjunto de funções”. Ainda segundo o autor, pode-se encontrar essa estratégia tanto na argumentação oral, quanto na escrita, mas nesta última, o autor aponta que pode haver uma diminuição na repetição, pois o texto pode ser revisado e editado, podendo assim, retirar parte delas.

Marcuschi define como repetição quando “é produzido o mesmo segmento linguístico duas ou mais vezes” (idem, p.220). Essa estratégia é muito importante em ambas as formas de comunicação, pois, segundo Koch (2007, p. 127), “repete-se como meio de “martelar” na mente do interlocutor até que este se deixe persuadir”, ou seja, a principal função desta estratégia é fixar na mente do público, alguma informação que o autor considere importante. Para Martins (2009, p. 55)¹⁷ a repetição é importante para gerar “fluidez na comunicação”. A retomada de dados e informações pode ajudar para que o público consiga compreender melhor o texto.

O locutor não precisa, necessariamente, repetir as informações com as mesmas palavras, ele pode usar o que Marcuschi chama de *marcadores discursivos* para retomar o que deseja, como: quer dizer, em suma, como já disse etc.

Na crônica “*Os donos da classificação*”, de 24 de junho de 2014, Calazans faz uso dessa estratégia no quinto parágrafo do texto para corrigir sua fala anterior, usando o marcador discursivo “na verdade” e “ou melhor” como um elemento anafórico: *Escrevi que o meio de campo está quase nulo, porque, na verdade foi numa roubada de bola e num centro, ou melhor num passe preciso do volante Luiz Gustavo...*”

¹⁷Disponível em
<<https://sapiencia.pucsp.br/bitstream/handle/14584/1/Maisa%20Silveira%20Martins.pdf>> acesso em 22 out. 2018

4.2.4 Seleção Lexical

O léxico de uma língua consiste em um inventário aberto, não finito, ou seja, todas as palavras nela existentes, embora não registradas em seus dicionários, uma vez que muitas “nascem” a partir de outras – os neologismos lexicais –, ou simplesmente são acrescidas de novos significados – os neologismos semânticos –, e outras “morrem”, devido ao seu desuso – os arcaísmos. Vocabulário, no entanto, é todo acervo lexical que o falante de uma língua adquire e usa de acordo com a situação de comunicação em que se encontra, embora léxico e vocabulário sejam, muitas vezes, usados como sinônimos.

Neste trabalho, a seleção lexical consistirá na escolha do vocábulo, na disposição em que se encontra no texto e, principalmente, no emprego denotativo ou conotativo e estará intimamente ligada com a eficiência comunicativa.

Mainqueneau (2008, p. 20), tece o seguinte comentário sobre a importância da seleção lexical na construção de enunciados:

Certamente isso não quer dizer que as unidades lexicais de uma sequência verbal não signifiquem nada, nem que suas relações deixem de orientar de maneira decisiva a interpretação. O que se quer dizer é que, fora de contexto, não podemos falar realmente de sentido de um enunciado, mas, na melhor das hipóteses, de coerções para que um sentido seja atribuído à sequência verbal proferida em uma situação particular.

Koch (1999, p. 156) entende a seleção lexical como um recurso retórico de fundamental importância para a argumentação: “há palavras que, colocadas estrategicamente no texto, trazem consigo uma carga poderosa de implícitos.”, ratificando, dessa forma, o que propõem Perelman & Olbrechts-Tyteca (1996, p. 144) quando afirmam que a escolha das palavras raramente é desprovida de carga argumentativa, pois ao se fazer a opção por um termo, busca-se, na verdade, efeitos argumentativos de persuasão.

De acordo com o Citelli (1994, p. 69), as escolhas lexicais “é gesto menos arbitrário do que imaginamos e costuma significar o cruzamento dos planos estilísticos e ideológicos na direção dos discursos persuasivos” e se pode observar claramente que a expressão “mata-mata” e o verbo “fuzila”, no quarto parágrafo da crônica *“Duas caras, dois estilos”*, publicada em 28 de junho de 2014, foram usados em sentido figurado, numa referência à fase em que se encontrava a seleção brasileira e, evidentemente, as demais seleções que ainda permaneciam na disputa do campeonato: *“Não, não é apenas por seu um jogo do nosso país e, mais*

preocupante ainda, por ser um mata-mata, que fuzila irremediavelmente um dos oponentes.”

4.2.5 Operadores Argumentativos

O termo ‘operadores argumentativos’ foi criado por Oswald Ducrot, para apontar elementos da gramática “que tem por função indicar a força argumentativa dos enunciados” (Koch, 1999). Segundo a autora, os operadores têm como função guiar o interlocutor para alguma conclusão, já que eles fazem uma ligação entre uma sentença e outra. Ao ligar essas frases haverá uma consequência, causa, finalidade, soma de ideias, entre outros sentidos.

Graças a isso, existem vários grupos de operadores argumentativos com diversas funções:

- Operadores que somam argumentos para uma determinada conclusão: *e, também, nem (= e não), além disso..., aliás, não só, mas também, além disso, além do mais, além disso, tanto...como, a par de etc.*

Com relação aos operadores *aliás* e *além do mais*, Koch (1999, p. 106-107) afirma que além de acrescentar argumentos para uma mesma proposição, “introduzem, de maneira sub-reptícia, um argumento decisivo, apresentando-o a título de acréscimo”, como se pode observar em “*A História por linhas tortas*”, de 08 de julho de 2014: “*Aliás, não existe tampouco outro Amarildo... O espírito da seleção brasileira me parece em bom estado, mesmo com a perda de Neymar. Pelo menos, é o que jogadores e técnico me passam. Além disso, tem ótima defesa e bom meio de campo, este sobretudo na tarefa defensiva.*”

- Operadores que indicam conclusão: *portanto, logo, pois, conseqüentemente, por conseguinte, então etc.:* “*É nessas horas, portanto, de paralisia que o time depende – e depende muito – de Neymar*” – Os donos da classificação (24/06/2014)

- Operadores que levam a uma conclusão diferente/oposta: *ou, ou então, seja...seja, quer...quer, etc.:* *Ao tirar Oscar do time, Felipão botou Ramires em vez do festejado Willian, que vinha sendo especulado como futuro titular. Ou seja: saiu um homem de armação – de criação -, entrou mais um volante. (A quinta-feira chegou – 12/6/2014).*

- Operadores de oposição: *mas, embora, ainda que, no entanto, apesar de, posto que, mesmo que*, entre outros. É importante ressaltar que depende da

intenção do enunciador a opção da pelos operadores adversativos ou concessivos, embora possuam a mesma função semântica de oporem enunciados de perspectivas diferentes.

Quando se opta pela adversão, por exemplo, faz-se um encaminhamento argumentativo contrário à argumentação anterior e a intenção é não frustrar a expectativa do destinatário de forma brusca, utilizando a estratégia de suspense: *“Muito bem: é a primeira do grupo, está classificada para as oitavas de final, em que vai enfrentar o Chile, mas ainda precisa melhorar muito em relação ao primeiro tempo de ontem.”* – (Os donos da classificação – 24/6/2014).

Ao se optar pelas concessivas, a intenção é preparar, com antecipação, o destinatário, para uma conclusão contrária ao inicialmente esperado: *“Mesmo que ele tenha tanta confiança assim no time titular da Copa das Confederações, precisa de alternativas num momento como este em que esse time ainda não reencontrou seu futebol.”*

- Operadores de comparação entre elementos a fim de uma conclusão: *mais... que, menos... que, tão...como, tanto quanto.*: *“A seleção brasileira criou umas poucas oportunidades de gol, mais até do que o México, e esbarrou na atuação impecável do goleiro Ochoa.”* (Pelo menos não perdemos – 18/6/2014)

- Operadores que introduzem uma justificativa ou indicam causa/explicação relativa ao enunciado anterior: *porque, já que, pois, por causa de, etc.*: *“William virou uma expectativa uma esperança justamente por causa da sua índole ofensiva, que vinha superando a hesitação de Oscar.”* (A quinta-feira chegou – 12/6/2014)

- Operadores que indicam a afirmação ou negação total: *somente, pouco, quase, apenas, só, etc.*: *“Foi Daniel Alves quem proclamou no início da semana: “Tudo está dentro do planejado. Só falta chegar a quinta-feira.”* (A quinta-feira chegou – 12/6/2014)

- Operadores que indicam um argumento mais forte: *até, mesmo, até mesmo, pelo menos, ao menos, inclusive etc.*: *“quem esperava a vitória do Brasil sobre o México pode até ter saído satisfeito do estádio, em Fortaleza, porque, ao menos, nosso time não perdeu.”* (Pelo menos não perdemos – 18/6/2014)

- Operadores que introduzem conteúdos pressupostos no enunciado: *já, ainda, agora, etc.*: *“Se não bastasse a presença da seleção brasileira num jogo*

decisivo de quartas de final, contra a Colômbia, ainda temos hoje outro jogo como França x Alemanha.” (Favoritos em perigo – 04/7/2014)

5 ANÁLISE DO CORPUS – A SELEÇÃO BRASILEIRA NAS CRÔNICAS DE FERNANDO CALAZANS

No presente capítulo, analisar-se-ão três crônicas do jornalista Fernando Calazans, publicadas no caderno de esportes do jornal *O Globo*, durante a Copa do Mundo de 2014, realizada no Brasil. Para analisá-las, serão levantadas e apontadas as estratégias argumentativas que o autor usou para persuadir seu público e construir as imagens da seleção brasileira ao longo desse evento esportivo.

5.1 Vitória justa por meio injusto

1 **Vitória justa por meio injusto**
 2 Se, para a seleção brasileira, era tão importante um bom resultado na estreia, jogadores e
 3 torcedores têm todo o direito de comemorar à vontade.

4 Mas há outras verdades no jogo. Nossa seleção não fez uma boa partida, o segundo
 5 gol nasceu de um pênalti inventado pelo juiz japonês Yuichi Nishimura e encenado por Fred, e
 6 a equipe de Felipão terá que melhorar mais para chegar à final. O que, aliás, é bem provável.

7 O primeiro tempo do jogo de ontem terminou com o placar de Neymar 1 x 1 Croácia.
 8 Acima de tudo, foi a confirmação de como nossa seleção depende dele, Neymar, para obter
 9 seus resultados, jogando mal ou jogando bem. Foi a Croácia que começou dominando o jogo,
 10 com bola no chão e entrosamento. O Brasil sofria com seus laterais, com o meio de campo
 11 dispersivo, com Hulk errando tudo e Fred sem pegar na bola.

12 Um dos laterais, Marcelo, fez um gol contra no cruzamento de Olic. A ajuda a Neymar
 13 vinha apenas de Oscar, que, aos 24 minutos, deu um passe profundo para Paulinho, na área.
 14 Paulinho chutou, e o goleiro Pletikosa defendeu, como defendeu dois minutos depois, o chute
 15 do próprio Oscar.

16 Como Oscar e Paulinho não conseguiam abrir o placar, Neymar foi o próximo a tentar
 17 e, como é Neymar, conseguiu. Pegou a bola na intermediária, conduziu como craque e chutou
 18 no canto para empatar. A Croácia cometera o erro de recuar um pouco depois do seu gol, não
 19 sei se para defender o resultado. Era muito cedo para isso. No segundo tempo, o equilíbrio
 20 voltou, mas depois foi o Brasil que predominou, antes mesmo no pênalti mal marcado, em que
 21 Fred deu vazão a seu talento de ator, e o juiz, à sua incompetência. Neymar não bateu bem, o
 22 goleiro tocou com as duas mãos na bola, mas ela entrou. Era dia da abertura da Copa, dia do
 23 Brasil.

24 Oscar, que já fazia boa partida, cresceu ainda mais, roubando bolas, passando ou
 25 conduzindo-a ao ataque. Faltava seu gol. Nos últimos minutos, depois de uma roubada de
 26 bola de Ramires (com falta ou não?), Oscar avançou pela meia-esquerda, decidido, e finalizou
 27 com toque de categoria, para fazer o terceiro gol e acabar com o jogo.

28 Jogo que foi assim: Neymar começou com ele, Oscar acabou e, no meio, o juiz
 29 japonês deu uma valorosa colaboração. Além dos dois atacantes que fizeram os gols, gostei
 30 da segurança e frieza de Thiago Silva, o que não é novidade, e da eficiência e tranquilidade
 31 de Luiz Gustavo. Hulk, jogando pela esquerda, e Fred destoaram, mas a equipe, a seleção,
 32 teve um resultado muito importante para crescer na competição.

33

34 **Confronto de candidatos**

35 O jogo de hoje, quer dizer, o clássico de hoje entre Espanha e Holanda, tem tudo para
 36 ser um dos melhores da fase de grupos, melhor, por exemplo, do que o Brasil x Croácia da
 37 abertura. A Espanha de Sergio Ramos, Xavi, Iniesta e Fábregas; e a Holanda de De Jong,

38 Robben, Sneijder e Van Pesie são, teoricamente, dois dos candidatos. O primeiro deles já
39 venceu ontem: o Brasil.

O modo argumentativo de organização textual é predominante nessa crônica de Calazans. Observa-se, no entanto, que em muitos momentos a narração se coloca a serviço da argumentação. O cronista inicia o texto introduzindo a tese de que era direito de todos comemorarem a vitória do Brasil, mas em seu desenvolvimento, propõe cautela a seus leitores e, para isso, utiliza algumas estratégias argumentativas que serão destacadas e analisadas a seguir.

- Operadores argumentativos

A crônica, publicada no dia 13 de junho, é sobre o jogo de estreia da seleção brasileira na Copa do Mundo. A equipe venceu e Fernando Calazans inicia seu texto defendendo a tese de que todos tinham o direito de comemorar, pois um resultado desses, na estreia, é muito importante. Logo após essa afirmação, o jornalista já chama a atenção do público introduzindo um argumento que vem restringir o que dissera no primeiro parágrafo, usando, para conseguir esse efeito argumentativo, o operador “mas” (linha 4). Calazans mostra que apesar da vitória, que deveria ser comemorada, havia algumas ressalvas a serem feitas: o time brasileiro não tinha feito uma boa partida e, um de seus gols, não foi por mérito e, sim, por um erro de arbitragem.

Em um outro momento (linha 31), o argumento principal, também introduzido pelo adversativo ‘mas’, vem após o cronista resumir sucintamente, em uma brevíssima narrativa, a forma como se deu o jogo, destacando apenas os poucos jogadores que atuaram bem na partida. Nesse caso, o argumento não ganha uma carga semântica adversativa e sim aditiva, pois acompanhado de advérbio “sim”, em “foi sim”, o operador “mas” se descola de seu sentido original. Na crônica, realiza a soma argumentos a favor de uma mesma tese: o resultado foi muito importante para o crescimento da seleção ao longo do campeonato.

Outras estratégias argumentativas usadas pelo jornalista nessa crônica são introduzidas por argumentos de soma, a fim de chegar a uma mesma conclusão e (linhas 5, 11), ou a concomitância de ações e (linhas 30, 31), *além dos* (linha 29), indicando a força dos enunciados:

- a) ‘e’: pênalti inventado + encenação de Fred + necessidade de a equipe melhorar; Hulk errando tudo + Fred sem tocar na bola;
- b) segurança + frieza de um determinado jogador; eficiência + tranquilidade de um outro;
- c) ‘além dos’: os dois jogadores que marcaram o gol + o posicionamento de Thiago Silva em campo.

O operador ‘*aliás*’ (linha 6), vem para reafirmar a tese apresentada de que a seleção brasileira vai melhorar;

Há também na crônica o uso do operador ‘*como*’ (linhas 17, 18) com valor causal/explicativo, em que se explica Neymar por Neymar, ou seja, usa-se o nome do jogador como modalizador de caracterização de seu próprio nome, o que é justificado pelo fato de seus companheiros de equipe não terem feito gols.

- Ironia

Na linha 21, o autor faz uso da ironia como um deboche, para citar o jogador Fred e seu “talento de ator”, pois o segundo gol da seleção brasileira se originou de um suposto pênalti em cima do centroavante. Segundo comentaristas e especialistas, o lance não era para falta, muito menos pênalti, porém o jogador brasileiro se jogou, encenando como se houvesse uma falta e o juiz acabou entendendo que deveria marcar a penalidade.

Fernando Calazans brinca justamente com essa forma “descarada” e teatral de o jogador fingir que está sendo puxado, e persuadir o juiz a realizar a ação desejada.

- Seleção Lexical

Ainda falando sobre o jogador Fred e o lance do pênalti, na linha 5, o cronista faz uso da palavra “encenar”, usada como forma de reforçar que o pênalti realmente não aconteceu. A palavra tem significado de atuar, interpretar, simular algo fictício ou que aconteceu no passado, mas não naquele momento e exatamente daquela forma, além do que isso não é próprio da profissão de um jogador de futebol e sim de um ator.

- Repetição

Nessa crônica, Fernando Calazans também faz uso da repetição, para falar do erro do juiz ao marcar pênalti a favor do Brasil. No começo de seu texto (linha 5), ele fala sobre a má interpretação do juiz. No decorrer do texto, Calazans fala sobre o

mesmo fato em outros dois momentos: ao dizer da incompetência árbitro (linha 21) e que esse, colaborou com a vitória (linhas 28 e 29), reforçando mais uma vez que vencemos, mas não por mérito. Como explicado anteriormente, para Marcuschi (2006), não é necessário usar exatamente as mesmas palavras para retomar o que foi dito.

Outro ponto repetido pelo autor é a má atuação de Hulk e Fred na partida (linhas 11 e 31)

- Tempos Verbais

Em toda a crônica de Fernando Calazans pode-se notar que a maioria dos verbos está conjugada no pretérito (*era, fez, começou, terminou, cometera, predominou, bateu*, entre outros). Essa estratégia, segundo Koch (1999, *apud*. Weinrich), tem o intuito de situar seu público em um espaço de tempo, dividindo os tempos verbais em dois grupos: **grupo I** (Indicativo: presente, pretérito perfeito composto, futuro do presente, futuro do presente composto, além das locuções verbais formadas por esses tempos); e o **grupo II** – Indicativo: pretérito perfeito simples, pretérito imperfeito, pretérito mais-que-perfeito, futuro do pretérito, e locuções verbais formadas com tais tempos. (idem, pg. 37)

No caso da crônica 'Vitória justa por meio injusto', Calazans usa tempos do grupo II, mostrando que foi algo que aconteceu antes de ele escrever o seu texto. Nesses momentos, o jornalista simplesmente narra o fato para seus leitores.

5.2 Sofrimento até o fim

1 **Sofrimento até o fim**
 2 Logo no primeiríssimo dia de mata-mata, no primeiro jogo, contra o Chile, adversário
 3 respeitável, mas que não figurava entre os candidatos ao título – logo neste dia, foi sofrimento
 4 do início ao fim, sem trégua, sem perdão.
 5 Porque o Brasil quase não jogou. O Brasil tem que agradecer por não ter o Chile se
 6 empenhado de verdade para fazer um gol no segundo tempo quando dominou amplamente; o
 7 Brasil tem que agradecer por ter passado pela prorrogação para chegar nos pênaltis; e tem
 8 que agradecer, sobretudo, a seu goleiro Júlio César, cruelmente injustiçado na Copa de 2010,
 9 que defendeu dois pênaltis e foi o herói que colocou a seleção brasileira nas próximas quartas
 10 de final. Foi ele, Júlio César, na disputa dos pênaltis, porque no jogo em si, tempo normal e
 11 prorrogação, a seleção brasileira não mostrou nenhuma das poucas qualidades que mostrara
 12 na fase de grupos. Nem Neymar conseguiu jogar o que sabe.
 13 Não é possível jogar bem – aliás, não é possível jogar – sem meio de campo. E é assim
 14 que a seleção brasileira está fazendo desde o início. Não poderemos ficar com Hulk numa
 15 pontoa, Oscar na outra, e com um meio de campo vazio na parte da criação, apenas com
 16 volantes como Luiz Gustavo e Fernandinho.
 17 Aquele que devia se armador não é. Oscar participa como um volante a mais, tentando roubar
 18 bolas, mas sem produzir uma jogada de criação, um passe, um chute.
 19 O meio de campo do Brasil é desabitado no setor de armação, e a consequência é a
 20 que vimos no 1 a 1 com o Chile: ligação direta da defesa para o ataque com chutões dos
 21 zagueiros, bolas rifadas para a frente, bolas altas na área. É pouco para seleção brasileira é
 22 pouco para ganhar a Copa.
 23
 24 **Hora de reorganizar**
 25 A seleção brasileira só jogou até os 18, 20 minutos do primeiro tempo, logo depois de
 26 abrir o placar no córner cobrado por Neymar. Thiago Silva desviou de cabeça, e David Luiz
 27 emendou para o gol. Pronto. Daí pra frente, o Chile dominou o campo, empatou com Sánchez
 28 no erro infantil do lateral cobrado por Marcelo para Hulk.
 29 Durante os 45 minutos do segundo tempo, e durante toa a prorrogação, o Chile
 30 perdeu a oportunidade de vencer o jogo, eliminar o Brasil, e se classificar para as quartas de
 31 final.
 32 Um Chile muito mais organizado no campo, com Medel, Vidal, Aránguiz e Sánchez.
 33 Contra um Brasil inexistente no plano tático e no plano emocional.
 34 Sem meio de campo, sem armador, e no ataque com Hulk, Fred e Jô, fica mesmo difícil jogar
 35 futebol
 36 Será preciso reorganizar o time, começando pelo meio de campo. Será preciso criar
 37 uma alternativa para o ataque que não pode depender de Fred ou de Jô, pois é o mesmo que
 ter de escolher entre seis e meia dúzia.

- Operadores Argumentativos

Nessa crônica, Fernando Calazans inaugura seu texto com o uso de um operador argumentativo já no título (linha 1). O ‘até’ tem função de introduzir o argumento mais forte, antecipando a tese que será apresentada na crônica, de que torcedores e jogadores sofreram durante toda a partida, do início ao fim.

Outro operador ‘mas’ (linha 3) é usado para estabelecer uma restrição à tese de que o Chile é um time que merece ser respeitado, mas não é o melhor, uma vez que não era um dos times favoritos para ganhar o título.

‘*porque*’ (linha 5) introduz o argumento da causa do sofrimento expresso no parágrafo anterior e ainda na linha 5, o modalizador adverbial ‘*quase*’ instala um eufemismo, atenuando o mau desempenho da seleção brasileira.

Ao utilizar o operador ‘*nem*’ (linha 12), Calazans insere um argumento mais forte, uma vez que *nem* mesmo Neymar, considerado o melhor jogador da equipe, jogou bem naquela partida.

O operador argumentativo, ‘*aliás*’ (linha 13), aparece com o intuito de somar argumentos para uma mesma proposição, introduzindo um argumento decisivo, apresentado a título de acréscimo, ratificando a tese de que não se joga futebol sem um meio de campo. Os operadores ‘*pouco*’ e ‘*só*’ (linhas 22 e 25, respectivamente), denotam a negação da totalidade.

Nesse texto, o operador ‘*pois*’ (linha 36), tem papel de justificativa. Pode-se trocar a palavra *pois*, por *porque*, que tem a mesma função. “*pois*” introduz o argumento que justifica a tese de que o Brasil deve ter outras alternativas além Fred ou Jô.

- Tempo verbal

Como na maioria das crônicas pós-jogo, o autor usa mais os verbos no passado (grupo II), narrando o que aconteceu (*defendeu, mostrou*, entre outras). Não é o caso desta. Fernando Calazans optou por usar mais verbos no infinitivo e no presente (grupo I) como: *agradecer, jogar, está, podemos, participa, é* etc.). Nesses casos, o uso do presente não tem mais a função de narrar algo e o enunciador pode usá-lo para fazer seus comentários, inserindo, assim, a sua opinião na tentativa de provocar um maior impacto em seu público.

O jornalista também faz uso do futuro do presente (grupo I), marcado pela palavra ‘*será*’ (linha 35), mostrando, com isso, algo que não aconteceu ainda e não se sabe se vai acontecer, mas apresenta uma análise da situação da equipe brasileira, sob seu ponto de vista, deixando registrada a sua opinião sobre o que deveria ser feito.

- Repetição

Como já visto na primeira crônica analisada e em crônicas presentes no Anexo, Calazans sempre se refere ao meio de campo do time brasileiro, que considera não ter feito boas partidas. Na crônica “Sofrimento até o fim”, o jornalista, de formas diferentes, fala sobre isso em quatro momentos, ao dizer que: não dá

para jogar bem sem um meio de campo (linha 13), que meio de campo é vazio (linha 15), que o meio de campo do Brasil é desabitado (linha 19) e que o Brasil precisa se reorganizar principalmente no meio de campo (linha 35).

Claramente, percebe-se que Fernando Calazans quer mostrar que um dos maiores problemas que está prejudicando a equipe é o meio de campo.

- Seleção Lexical

No texto, é possível encontrar vocábulos de outras línguas (estrangeirismo). A palavra ‘*córner*’ (linha 26), traduzido do espanhol, significa esquina/canto. Ou seja, na linguagem do esporte, em especial do futebol, essa palavra é a mesma que ‘escanteio’.

Há vários outros momentos em que o cronista utiliza palavras que fogem ao seu sentido literal, como *emendar* (linha 27), que no texto essa palavra ganha o sentido de finalizar. *Rifadas* (linha 21) cujo significado denotativo representa coisas sorteadas, interpreta-se no texto, qualquer bola aleatória, tocada de forma não trabalhada. Os jogadores, simplesmente, chutavam pra frente. E a palavra *infantil* (linha 28), que é usada para mostrar que o Brasil teve um erro bobo, inocente, que poderia ser evitado, conotando a imaturidade da seleção brasileira.

- Ironia

Como apontado por Benetti (2007), a ironia pode ser dividida em quatro grupos. Em um deles, a parêmia, segundo a autora, é quando cabe usar um ditado popular e, é exatamente esse tipo de ironia que encontramos nessa crônica.

Comumente, há um termo popular que é: “trocar seis por meia dúzia”. O cronista adapta essa frase por “ter de escolher entre seis e meia dúzia” (linha 37), mas o sentido permanece o mesmo. Fernando Calazans argumenta que a seleção brasileira precisa ter outras opções de ataque, uma vez que colocar Fred ou Jô não mudaria em nada seu desempenho e atuação.

5.3 Ainda bem que acabou

1 **Ainda bem que acabou**
 2 Mais uma atuação pífia da seleção brasileira na disputa do terceiro lugar – e ainda
 bem
 3 que foi a última! Para a nossa seleção, quer dizer, para a seleção do Felipão, a Copa terminou
 4 só falta a final de hoje, no Maracanã.
 5 A derrota, desta vez, foi de 3 a 0 para a Holanda, com um gol logo no segundo
 minuto,
 6 em pênalti mal marcado pelo juizinho ruim Djamel Haimoudi, porque a falta de Thiago Silva foi
 7 fora da área. Mas, com o que o Brasil jogou, ou pior, com o que o Brasil *não* jogou, não dá
 para
 8 reclamar muito da arbitragem. O segundo gol, logo aos 17 minutos, numa jogada de provável
 9 impedimento, deixou na cabeça e no coração dos brasileiros o temor que se repetisse outra
 10 derrota como aquela contra a Alemanha. Esta não foi de 7, mas foi de 3 a 0. Os erros do
 11 Brasil é que foram os mesmos.
 12 David Luiz e outros abusaram dos chutes pra frente, o time não teve meio de campo
 13 mais uma vez (só Oscar *tentou* jogar), e o ataque, com Jô, com Hulk, com William, ou com
 14 Fred, não pode mesmo funcionar, até porque não recebe passes decisivos de gol. O time não
 15 tem tática, não tem jogada, o adversário é que tem espaços à vontade para jogar no meio de
 16 campo e na nossa defesa.
 17 Depois do último jogo, a entrevista de Felipão também foi a mesma, com elogios à
 18 equipe, à preparação, ao trabalho – e à participação na Copa em que levou 10 gols nos
 19 últimos dois jogos. Quer dizer: não há como acreditar numa recuperação do futebol brasileiro.

- Tempo Verbal

Novamente, a crônica de Fernando Calazans traz a maioria dos verbos do grupo II, no passado, narrando e retomando o que aconteceu no dia anterior, de forma pontual (*terminou, jogou, deixou, foram, abusaram, tentou, foi, etc*), dando sustento à tese “*Mais uma atuação pífia da seleção brasileira...*”, defendida em tantas outras crônicas, ou seja, a de que o Brasil jogou mal na Copa do Mundo.

Ao ler outras crônicas do jornalista ao longo da Copa do Mundo, principalmente crônicas feitas após o jogo do Brasil, percebe-se que em muitas delas, como, “Vitória justa por meio injusto”, “Sofrimento até o fim” analisadas no presente trabalho, “O adversário ideal”, “Os donos da classificação” e “Brasil de um tempo só”, em anexo, o jornalista sempre chama a atenção para o meio de campo da seleção brasileira, que, para ele, não existia. Na crônica “Ainda bem que acabou”, Calazans, novamente, fala sobre isso que é ratificado ao dizer que os erros do Brasil foram os mesmos (linha 11 e 12) e também que o adversário tem liberdade para jogar nessa área (linha 15).

- Ironia

Em entrevista após o último jogo na Copa do Mundo, o técnico da equipe brasileira, Felipão, apesar da derrota, elogiou toda a campanha da seleção até ali. Em tom crítico em relação ao depoimento do técnico, Calazans faz o uso da ironia para mostrar que pela grande quantidade de gols levados em apenas dois jogos (linhas 18 e 19), não há elogios para serem feitos, não há motivos para se orgulhar, porque afinal, a participação da seleção brasileira na competição não foi boa.

- Operadores argumentativos

- a) *'porque'* (linhas 6 e 14): a palavra *'porque'* faz parte dos operadores que têm o intuito de explicar algo. Na linha 6, Calazans explica o motivo de ter chamado Djamel Haimoudi de “juizinho ruim”, ao errar em sua decisão de marcar o pênalti.
- b) *'mas'* (linhas 7 e 10): o operador, *'mas'*, serve para contrapor um argumento, formando uma conclusão contrária. O primeiro se opõe ao pênalti mal marcado, que originou um gol. Mesmo o Brasil sendo prejudicado por conta disso, as pessoas não podem reclamar pelo fato de a seleção não ter jogado bem; já o segundo, introduz o placar do jogo contra a seleção da Holanda, quando o Brasil perdeu por 3 a 0, em contraponto com o placar de 7 a 0, na partida perdida contra a Alemanha, no entanto, o objetivo é, na verdade, fortalecer a tese de que o Brasil não cresceu na competição, apesar de ter perdido por um placar menor: *“Os erros do Brasil é que foram os mesmos”*.
- c) *'e'* (linhas 13, 16 e 18): somando ideias. (o time não teve meio campo + o ataque que não funcionou; a equipe adversária conseguia jogar à vontade no meio de campo + na defesa; os elogios de Felipão à equipe, preparação, trabalho + participação na Copa.
- d) *'só'* (linha 13): esse operador argumentativo orienta no sentido de afirmação ou negação total de algo. No caso que se destaca, o operador *'só'* aponta uma negação da totalidade, ou seja, que de todos os jogadores, apenas Oscar tentou jogar, diferenciando-se da maioria.

Um outro ponto que também merece destaque nessa crônica é a frase *“Para a nossa seleção, quer dizer, para a seleção do Felipão, a Copa terminou”* (linha 3). A palavra *'nossa'* tem sentido de posse, de pertence, no entanto, ao retificar sua fala, com a expressão *“quer dizer”*, Fernando Calazans afirma que a seleção que atuou durante o evento esportivo não era dele, nem de outra pessoa, apenas de Felipão,

que cometia erros táticos, de escalação, mas que sempre elogiava o que era feito, como se estivesse bom (linha 17).

No fragmento “*Quer dizer: não há como acreditar numa recuperação do futebol brasileiro*” (linha 19), percebe-se que o jornalista desacredita totalmente não só da seleção brasileira, mas de todo o futebol nacional. Analisando todo o parágrafo, entende-se que, a seleção durante a Copa do Mundo de 2014 teve muitos erros, o que fez com que ela fosse eliminada e nem conseguisse o terceiro lugar, mesmo assim, o técnico elogia o trabalho, como se ele tivesse sido um técnico muito bom.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível observar que os discursos, sejam eles orais ou escritos, são capazes de persuadir o público para o qual é destinado. Os líderes antigos usavam da oralidade para ter o povo ao seu lado e não aceitavam que lessem livros, jornais, informativos, a não ser que fossem aceitos antes por aqueles que detinham o poder, de modo que determinadas ideias não fossem difundidas entre as pessoas.

Escritores antigos, com seus contos e histórias, tentavam passar para o seu público a verdadeira realidade vivida por eles, muitas vezes se contrapondo ao governo, o que é visto até hoje, principalmente no jornalismo, pois além de atender aos interesses de seu público, seus textos são formadores de opinião e têm a capacidade de persuadir.

Os gêneros opinativos, entre eles as crônicas – objeto de estudo do presente trabalho – dão a possibilidade ao jornalista de expressar o seu próprio ponto de vista estabelecendo uma ligação com os seus leitores, que, quando se identificam e aceitam essa opinião, acabam difundindo as mesmas ideias publicadas pelo escritor.

Após analisar as crônicas esportivas de Fernando Calazans, publicadas no caderno de esporte do jornal *O Globo*, durante a Copa do Mundo de 2014, pode-se admitir as hipóteses anteriormente apresentadas, de que as estratégias argumentativas, que fazem parte da teoria da Argumentação e defendidas pela Análise do Discurso são presentes nas crônicas do jornalista e que elas construíram o *ethos* da seleção brasileira.

Os operadores argumentativos são usados com a finalidade de guiar o público para uma determinada conclusão ao indicar quais os pontos mais fortes de um enunciado; a repetição, que se caracteriza pela apresentação de uma mesma ideia repetida várias vezes, da mesma forma, ou de maneiras diferentes, também está presente; as escolhas dos tempos verbais usados são capazes de narrar ou criar certezas e incertezas, por exemplo, e foram utilizados amplamente, ou em menor número por Fernando Calazans. Todos elementos linguísticos levantados e analisados se demonstraram eficientes na construção de imagens da seleção brasileira, ou seja dos seus *ethe*, nas crônicas apresentadas neste trabalho.

Percebe-se que com os usos dessas estratégias, o cronista aponta vários problemas dentro da equipe brasileira ao longo da competição. Com o uso da estratégia da repetição, por exemplo, reforça ou lembra nos dias pós-jogo, os

problemas que existiam, que atrapalhavam o desempenho da equipe e que perduravam, ajudando a criar um *ethos de* “incompetência” da seleção de Felipão.

Entretanto, em alguns momentos, argumentos introduzidos por alguns operadores argumentativos e determinados tempos verbais auxiliaram o cronista a manifestar sua esperança e o sentimento de que ainda podia acreditar que o desempenho da equipe pudesse se reverter, criando, dessa forma, o *ethos de* “credibilidade” para a seleção, que sugere a desconstrução do *ethos* anterior.

A derrota “vergonhosa” da seleção brasileira, como o próprio Calazans caracterizou, por 7 a 1 para Alemanha na semifinal, serve, no entanto, para o jornalista voltar a construir o *ethos de* “incompetência” não só da seleção brasileira, mas também de toda a equipe técnica, com destaque para o treinador Luiz Felipe Scolari, fazendo uso das mais variadas estratégias argumentativas, como por exemplo, a ironia, em que expõe o descaso dos responsáveis pelo futebol brasileiro, que entendem ou acreditam que tudo está em ordem.

7 REFERÊNCIAS

- ABREU, Antônio Suárez. **A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção**. Cotia: Ateliê Editorial, 2002.
- ASSIS, Machado de. **Machado de Assis: seus trinta melhores contos**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009
- BARBEIRO, Heródoto; RANGEL, Patrícia. **Manual do jornalismo esportivo**. 2ª ed. São Paulo, 2013.
- BARBOSA, Marialva. **História da comunicação no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- BEAUCLAIR, Marcelo Gomes. **A palavra seduzida: aspectos discursivos na crônica de Joaquim Ferreira dos Santos e Antônio Mario**, Rio de Janeiro, 2011.
- BENETTI, Márcia. **A ironia como estratégia discursiva da revista Veja**. Líbero. ISSN impresso: 1517-3283/ISSN online: 2525-3166, n. 20, p. 37-46, 2016.
- BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet**. 2ª ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- CAPRARO, André Mendes. **História e literatura: proximidades na fronteira**.
- CARNEIRO, Agostinho Dias. **Redação em construção: a escritura do texto**. São Paulo: Moderna, 2006.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso Político**. São Paulo: Contexto, 2008.
- CHARAUDEAU, Patrick; MANINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.
- CITELLI, Adilson. **Linguagem e persuasão**. São Paulo: Ática, 2007.
- _____. **O texto argumentativo**. São Paulo: Scipione, 1994.
- COELHO, Paulo Vinícius. **Jornalismo Esportivo**. 4ª ed. São Paulo: Contexto, 2013.
- CONCEIÇÃO, Lucas Erick de Aquino; NETO, Aureliano Quinto de Souza; SANTOS, Allaisa de Santana. **O jornalismo impresso brasileiro e as novas tecnologias: perspectivas e inovações**. Curitiba, 2009.
- CUTI. **Lima Barreto: Retratos do Brasil negro**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

DUARTE, Mariana Dünkel. **A crônica no jornalismo impresso brasileiro**: Ventura e Veríssimo no jornal O Globo. Volta Redonda, 2016.

FARNEDA, Eliete Sampaio. **Estratégias argumentativas no discurso feminino televisivo**: um estudo da interação no Programa Saia Justa. Revista Letra Magna, v. 7, p. 1-20, 2007.

FIORIN, José Luiz. Linguagem e ideologia. São Paulo: Ática, 2005

JARDIM, Trajano Silva; DOS SANTOS BRANDÃO, Iolanda Bezerra. **Breve histórico da imprensa no Brasil**: Desde a colonização é tutelada e dependente do Estado. Brasília, 2014

KIERKEGAARD, Soren Aabye. **O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates**. Trad. Álvaro Luiz Montenegro. Petrópolis: Vozes, 2017

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Argumentação e Linguagem**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

_____. **Desvendando os segredos do texto**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **O texto e a construção dos sentidos**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2003

LUCENA, Ricardo de F. **A crônica como gênero que introduziu o esporte no Brasil**. João Pessoa, 2003.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análises de textos de comunicação**. Trad. Cecília P. de Souza-e-Silva, Décio Rocha. São Paulo: Cortez: 2001.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (orgs.). **Gêneros textuais**: reflexões e ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

_____. "Repetição". In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I.G.V. **Gramática do Português Culto Falado no Brasil**. Vol. I – Construção do texto falado. Campinas: Editora Unicamp, 2006

MARTINS, Maísa Silveira. **A repetição como estratégia argumentativa na narrativa de Gil Gomes**. Diss. Pontifícia Universidade de São Paulo, 2009.

MEDINA, Jorge Lellis Bomfim. **Gêneros jornalísticos**: repensando a questão. In: Revista Symposium, Ano, Vol. 5, 2001.

MELO, José Marques de. **A opinião no jornalismo brasileiro**. 2. ed. rev. Petrópolis: Vozes, 1994.

NOBLAT, Ricardo. **A arte de fazer um jornal diário**. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

OLIVEIRA, Helênio Fonseca de. **Conjunções e argumentação em português**. Material didático utilizado em minicurso ministrado na UERJ. 2001. (mimeo).

_____. “Gêneros textuais e conceitos afins: questões teóricas.” In: HENRIQUES, Claudio Cezar e SIMÕES, Darcília (orgs.). **Língua e Cidadania: novas perspectivas para o ensino**. Rio de Janeiro: Ed. Europa, 2004.

PENA, Felipe. **1000 perguntas sobre o Jornalismo**. Rio de Janeiro: LTC, 2012

PERELMAN, Chaïm. & OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação: a nova retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 2005

RAMOS, José Nabantino. **Jornalismo: Dicionário Encicopledico**. Instituição Brasileira de Difusão Cultural, 1970

RODRIGUES, Nelson. **Mário Filho, o criador de multidões**. In: MARON FILHO, Oscar; FERREIRA, Renato (Org.). *Fla-Flu...e as multidões despertaram*. Rio de Janeiro: Europa, 1987. p. 136 – 138.

SÁ, Jorge de. **A crônica**. São Paulo: Ática, 1997

SAVIOLI, Francisco Platão; FIORIN, José Luiz. **Manual do Candidato: português**. 2. ed. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão. 2001.

SIEBERT, Silvânia. **A crônica brasileira tecida pela história, pelo jornalismo e pela literatura**. *Linguagem em (Dis) curso*, v. 14, n. 3, p. 675-685, 2014.

SILVA, Claudia Maria Gil. **Discursos de posse dos Presidentes do Supremo Tribunal Federal – Brasil, capital Brasília: uma das faces do *ethos* do Poder Judiciário**. 2016.

SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira. **Do oral ao hipertextual: a biografia na produção cultural contemporânea**. Rio de Janeiro, 2002.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. 4.ed. (atualizada). Rio de Janeiro: Mauad, 1999

8 ANEXO

Anexo 1 – A quinta-feira chegou (12/06/2014)

Foi Daniel Alves quem proclamou no início da semana: “Tudo está dentro do planejado. Só falta chegar a quinta-feira.” Pois a quinta-feira chegou. Vamos começar a saber se tudo está mesmo dentro do planejado, como pensa não só Daniel Alves, mas toda a equipe brasileira, incluindo o técnico Felipão.

Nas entrevistas de ontem, véspera da estreia, Neymar tentou ser o mais humilde possível, enquanto Felipão optou por um discurso entusiasmado, otimista, como já tinha feito há dias, quando declarou que a vitória na estreia era (ou seja, é) fundamento. É verdade.

Ontem, pelo menos, os dois, o chefe e o craque, concordaram na tese de que o início da Copa traz um grande alívio para todos da seleção. A princípio, parece um paradoxo, justamente agora (quer dizer, hoje) que a cobra começa a fumar de verdade. Mas é compreensível. A abertura da Copa pelo menos põe um ponto final na dose extra e incomensurável de ansiedade que ela mesma injeta em jogadores, técnicos, torcedores, jornalistas, voluntário, todos os envolvidos.

Foi o que Neymar expressou ontem. Primeiro, que está celebrando o fim da ansiedade. E, segundo, que se sentirá muito mais feliz com o título de campeão mundial do que com o prêmio individual de maior craque da Copa.

Espero comemora tudo isso com Neymar, ao fim da Copa. Por enquanto, tenho algumas restrições a certas medidas e declarações de Luiz Felipe Scolari. Nada de muito dramático, nem de desesperador.

Uma delas foi a substituição feita no último treino. Ao tirar Oscar do time, Felipão botou Ramires em vez do festejado Willian, que vinha sendo especulado como futuro titular. Ou seja: saiu um homem de armação – de criação -, entrou mais um volante.

William virou uma expectativa uma esperança justamente por causa da sua índole ofensiva, que vinha superando a hesitação de Oscar. Ramires é mais defensivo que William.

Quem apoia a alteração feita pelo técnico lembra que Ramires pode ser uma boa opção no caso de o Brasil precisar de um reforço no sistema defensivo para garantir um resultado, para defender a vantagem. Não deixa de fazer sentido. O apreço de Felipão pelas manobras defensivas pode ser notado também nos últimos elogios e na declaração de confiança absoluta em relação ao cabeça de área Luiz Gustavo.

Usei de propósito o termo “cabeça de área”, porque é essa a função dele no time. Luiz Gustavo não chega a ser um volante, é mais um terceiro zagueiro. Dizem que pode repetir nesta Copa de 2014, no Brasil, o papel desempenhado por Edimilson na Copa de 2002, na Coreia do Sul e no Japão, quinto título mundial do Brasil, primeiro de Felipão.

Não sei (ainda), quem pode substituir quem na seleção, daqui a pouquinho, no jogo com a Croácia. Sei que o adversário exige respeito, muito respeito, num jogo sempre complicado – inclusive para o Brasil – como é o jogo de abertura. Um desafio para o coração.

Anexo 2 – Pelo menos não perdemos (18/06/2018)

Quem esperava a vitória do Brasil sobre o México pode até ter saído satisfeito do estádio, em Fortaleza, porque, ao menos, nosso time não perdeu. Podia ter perdido, podia ter ganhado. Essa foi a história do jogo – jogo de má qualidade, em comparação com a média da Copa até aqui. O placar diz tudo: 0 a 0.

A seleção brasileira criou umas poucas oportunidades de gol, mais até do que o México, e esbarrou na atuação impecável do goleiro Ochoa. Em compensação, o México jogou melhor na maior parte do tempo, mais arrumado, com mais conjunto, mais trocas de passes, e tampouco obteve resultado melhor porque abusou de chutar de longe, errando o alvo ou parando em uma ou outra defesa de Júlio Cesar.

A escolha de Ramires, em vez de Willian ou Bernard, para substituir Hulk, demonstrou que a opção de Felipe era mais defensiva, mais cautelosa, com mais vontade de não perder o jogo do que vencê-lo. Alguma novidade nisso?

Nenhuma. É a opção de 99 por cento dos técnicos no futebol brasileiro. Então Ramires entrou e não jogou bem. Não jogou nada que lembrasse o Ramires de outras vezes, na mesma seleção. E não foi só ele. Outros jogadores do setor ofensivo tampouco jogaram alguma coisa. Como Paulinho, Oscar e Fred.

Circunstância que deixou Neymar abandonado. O único jogador do qual se podia esperar alguma coisa pouco pôde fazer, sem a ajuda de um ou dois companheiros. Mas nem isso.

A discussão levantada ontem, aqui na coluna, teve sequência no jogo com o México. Foi a questão do troca-troca de posições. No primeiro jogo, contra a Croácia, Oscar jogou pela direita, Hulk pela esquerda. Com a saída de Hulk, Oscar foi que passou para a esquerda entrando Ramires na direita. É a moda no futebol brasileiro, não só do Felipe. Um jogador atua na direita um dia, na esquerda no outro, no meio depois. Assim também na seleção brasileira.

O Brasil decidirá sua passagem às oitavas de final no jogo da próxima segunda-feira, contra Camarões. Vai passar. Em seguida é que terá de jogar bem mais do que fez até aqui. Terá que jogar como o Thiago Silva, o maior de todos no jogo de ontem.

Anexo 3 – O adversário ideal (23/06/2014)

Camarões trouxe uma seleção fraca para a Copa do Mundo, tanto que já foi eliminada. É o adversário aparentemente ideal para fazer renascer, hoje, a seleção brasileira da Copa das Confederações no ano passado. Porque, se a seleção do Felipão não jogar bem logo mais, contra Camarões, dificilmente jogará bem contra qualquer outra.

Nossa seleção tem apresentado dados curiosos em suas duas partidas até aqui. Em primeiro lugar, é uma das maiores nos desarmes, nas roubadas de bolas. Em segundo lugar, é uma das que erraram mais passes. Ou seja: a julgar pelo breve histórico, estamos traindo nossas raízes futebolísticas. Estamos melhores na marcação, piores na criação vai mal, não há time que jogue bem, que jogue bonito de se ver – por mais que acerte na marcação.

Não chega a construir novidade: ultimamente, estamos formando melhores jogadores de defesa – vejam Thiago Silva e David Luiz, entre outros -, do que de ataque, em que Neymar é uma notória exceção.

Se eu fosse técnico de futebol, se eu fosse Felipão, aproveitaria este jogo, se ele estiver decidido ali pelo segundo tempo, para testar algumas opções na escalação, sobretudo no meio de campo e no ataque. Mesmo que ele tenha tanta confiança assim no time titular da Copa das Confederações, precisa de alternativas num momento como este em que esse time ainda não reencontrou seu futebol.

Anexo 4 – Os donos da classificação (24/06/2014)

O primeiro tempo foi de Neymar, o segundo de Fernandinho. Nos dois, a seleção brasileira mandou no jogo, teve a sua atuação mais festejada pela torcida até aqui e derrotou a seleção rudimentar de Camarões por 4 a 1.

Muito bem: é a primeira do grupo, está classificada para as oitavas de final, em que vai enfrentar o Chile, mas ainda precisa melhorar muito em relação ao primeiro tempo de ontem.

Em entrevista após o jogo, Felipão disse que a seleção cresceu. Pode estar crescendo sim. Mas ainda não mostrou o futebol que se espera da seleção brasileira numa Copa do Mundo em seu país.

Por sinal que, se não fosse ele, Neymar, nosso primeiro tempo teria sido doloroso. O meio de campo foi (praticamente) nulo na função criativa, e então restou aos zagueiros Thiago Silva e David Luiz dar chutões para a frente, sobretudo o último. Até acertaram alguns. Nossos zagueiros sabem jogar com a bola.

Escrevi que o meio de campo este quase nulo, porque, na verdade foi numa roubada de bola e num centro, ou melhor num passe preciso do volante Luiz Gustavo, que Neymar tocou com sua categoria para abrir o marcador. O que poucos esperavam aconteceu: Luiz Gustavo tem sigo mais regular do meio de campo.

Custa a crer que, já em vantagem, a seleção brasileira tinha levado um gol de Camarões numa filha da zaga. É nessas horas de paralisia que o time depende – e depende muito – de Neymar. Da esquerda para o meio, como se fosse um Messi do lado oposto, Neymar foi cortando os marcadores e colocou a bola com consciência no gol de Camarões, para que sua seleção saísse de campo mais tranquila para o intervalo.

Na volta, a novidade e a surpresa: Fernandinho no lugar de Paulinho e a acentuada melhora de qualidade no meio de campo. Até Fred apareceu. Logo no início, deu seu primeiro chute, e o goleiro Istandje defendeu a córner, com dificuldade. Mas não defendeu, pouco depois, a cabeçada do mesmo Fred no centro de David Luiz.

Foi o primeiro gol do centroavante na Copa. Neymar já tem quatro, é o artilheiro da competição até aqui. Fred não tem jogado bem, mas seu bigode, agora, com corte novo, chamou a atenção.

Em seguida, Fernandinho começou a se impor na seleção brasileira e em todo o campo, comandando as ações, até porque Camarões não passava a impressão de que tinha voltado para o segundo tempo. Eram dois times satisfeitos com o resultado: O Brasil já classificado, Camarões já eliminado. Só Fernandinho evoluía pelo gramado.

Tanto quem a poucos minutos do fim, completou tabelinha entre Fred e Oscar, tocando para o g como se fosse – também – centroavante. O jogo começou com Neymar e acabou com Fernandinho. Eles podem fazer a seleção crescer mais, como será preciso contra o Chile.

Anexo 5 – Duas caras, dois estilos (28/06/2014)

É certo que já anotei todos os confrontos das oitavas de final desta Copa. Mas, ainda que não soubesse quais são eles, não teria dúvida em afirmar que este Brasil x Chile de hoje, às 13h, é (ou eu poderia dizer que será?) um dos jogos mais atraentes da competição.

Não, não é apenas por seu um jogo do nosso país e, mais preocupante ainda, por ser um mata-mata, que fuzila irremediavelmente um dos oponentes. É por causa do adversário também, o Chile, cuja seleção vejo com uma cara nova – a cara nova do futebol que está sendo jogado hoje com mais destaque.

Vejo o Chile, digamos assim, mais atualizado com os ditames do futebol do século XXI. Mas gostaria de esclarecer: não se trata de comparação para estabelecer qual é a melhor seleção (Brasil ou Chile), qual é o melhor técnico (Felipão ou Jorge Sampaoli), qual é o melhor jogador (Neymar ou Sánchez). Nada disso. É um cortejo de estilos.

A seleção brasileira tem um estilo mais conservador, o estilo Felipão, com jogadores que guardam sua posição, sua função, e que raramente se atrevem a assumir (ou trocar) função e posição de outros companheiros.

Sampaoli costuma fugir a esse modelo mais padronizado. Aprecia um improviso, uma novidade, uma invenção (até no bom sentido). É mais inquieto do que Felipão. E não há dúvida alguma de que a seleção do Chile alçou outro patamar sob a batuta do argentino. Esta diversidade de estilos enriquece junto com os bons jogadores que existem dos dois lados, com a liderança de um brasileiro sim – Neymar.

Matemática em jogo

Em sua entrevista oficial, Felipão manifestou coincidentemente, a opinião de que a seleção chilena subiu de patamar (usou o mesmo termo da coluna) com a chegada de Jorge Sampaoli, a quem dirigiu elogios, sobretudo por causa da dinâmica da equipe.

Em relação à própria equipe, a seleção do Brasil, Felipão foi mais matemático. Considera que ela alcançou 80 por cento em comparação com a que foi campeã da Copa das Confederações. Pelo menos antes do jogo com o Chile, acho o cálculo de Felipão bem otimista. Pode se, porém – e assim espero! –, que durante o jogo eu passe a concordar com ele. Com 80 por cento do que jogamos na Copa das Confederações, considero o jogo duro, equilibrado. Se fosse (ou se for) com 100 por cento, consideraria o Brasil franco favorito. No mais, dá-lhe Neymar!

Pressão até o fim

Felipão quer que os jogadores pressionem a saída de bola do Chile. Este é, para mim, um dos recursos mais apreciáveis do chamado futebol moderno. Uma bola roubada na saída de jogo do adversário é meio gol. Mas o que eu noto é que, no caso brasileiro, isso é executado no início dos jogos. Com o tempo, a marcação vai esfriando, acaba ficando morninha. Espero que esteja quente pra valer hoje em Belô.

Anexo 6 – Favoritos em perigo (04/07/2014)

Se não bastasse a presença da seleção brasileira num jogo decisivo de quartas de final, contra a Colômbia, ainda temos hoje outro jogo como França x Alemanha. Num dia só, dia de gala.

Com uma curiosidade, ao menos para mim. Os dois jogos guardam uma semelhança, ou uma coincidência. Em ambos, as equipes teoricamente favoritas não são as que estão jogando melhor na Copa. Ao contrário: melhores têm sido as outras, rivais de hoje.

Na História do futebol, Brasil e Alemanha são os maioraís de casa um dos jogos, Mas, nesta Copa especificamente, Colômbia e França é que têm apresentado um futebol mais atraente. E, sobretudo, um futebol que se enquadra melhor no espírito da Copa brasileira. Um espírito mais ofensivo, mais decidido, mais incisivo na busca do ataque e do gol.

É esse o espírito da Copa que já eliminou países como Espanha, Itália, Inglaterra e Uruguai e que ainda guarda lugar para Colômbia, Costa Rica e Bélgica. Por exemplo

Exceto na estria, quando sapecou um 4 a0 na seleção de Portugal (se é que podemos chama-la de “seleção”), a Alemanha ainda não correspondeu à fama que desfruta do futebol internacional como tricampeão do mundo e, neste momento, como uma das equipes mais fortes da competição

Se a Alemanha goza desse prestígio, imaginem o Brasil, que é pentacampeão e que é o dono da casa do campo. O time de Felipão ainda não chegou perto sequer daquele mesmo que conquistou a Copa das Confederações.

Daí a expectativa em torno das atuações dos (ainda) favoritos Brasil e Alemanha, nestes dois grandes jogos de quartas de final.

Bola redonda de Cuadrado

A seleção brasileira desperta mais expectativas ainda. Uma dela é que o duelo com a Colômbia vai mostrar, enfim, como nossos jogadores reagiram à, digamos assim, misteriosa crise emocional provocada pela disputa de pênaltis com o Chile.

Tão misteriosa que até psicólogos tiveram interpretações diferentes do tema. A interpretação definitiva quem vai fazer é mesmo o time da Colômbia, logo mais. Ele é que vai nos dizer se o Brasil superou ou não as dificuldades que encontrou até aqui – dificuldades próprias de qualquer Copa do Mundo.

O time da Colômbia, até para nossa surpresa, tem todos os atributos para exigir o máximo do Brasil. Inclusive no plano individual. Eia a originalidade – ou uma das originalidades – do time dirigido por José Pekerman: ele chega às quartas de final apresentando o artilheiro da competição até aqui – James Rodríguez – e o maior autor de passes para gols (as chamadas “assistências”) – o meio-campo Cuadrado. Ou seja: o jogador que passa melhor e que faz mais gols. Que dupla!

Ambos chamam a atenção do público internacional. Cuadrado, apesar do nome, joga uma bola redonda, redondinha. James Rodríguez, com mais do que 22 anos, já fez gols aqui com classe dos melhores artilheiros de Copas do Mundo.

Hoje, tem encontro marcado com seu equivalente brasileiro, Neymar, 22 anos também, e vice-artilheiro da competição. O futebol da seleção brasileira não tem despertado a atenção tanto quanto o da colombiana, mas todos sabem que pode melhorar e que, mesmo que não melhore, Neymar é um desses jogadores capazes de criar solitariamente, sem depender dos companheiros. Ao contrário, a seleção do Brasil e do Felipão é que depende dele.

Anexo 7 – Brasil de um tempo só (05/07/2014)

Depois da passagem para a semifinal, veio a notícia ruim: Neymar está de fora do Mundial, por causa da entrada desleal e impune do colombiano Zuñiga. Impune e desleal como outros lances desta Copa. O Brasil perde seu melhor jogador na hora da decisão.

O jogo começou, logo aos 7 minutos. Thiago Silva fez o primeiro gol do Brasil, e a Colômbia desapareceu do campo. Já estava assustada por chegar pela primeira vez às quartas de final de uma Copa do Mundo, já estava assustada com a camisa do Brasil e mais assustada ficou com o gol precoce.

A equipe que tanto se destacou na primeira fase parecida ter voltado a ser uma Colômbia à moda antiga – inclusive com a ingenuidade demonstrada por seus jogadores em certos lances. E o Brasil, com o gol e com seu excelente primeiro tempo, parecia ter voltado ser o Brasil da Copa das Confederações.

A bola era até controlada pelo de campo, o que não acontecera ainda nesta Copa. Graças sobretudo a Fernandinho e Paulinho, porque Oscar continuava na marcação, mas criando pouco – ou nada. Mesmo assim, o Brasil ameaçava, até por ter pela frente uma defesa da Colômbia inocente e desorganizada. A seleção brasileira só não fez mais gols no primeiro tempo por causa das defesas de Ospina.

Mas o ponto alto, altíssimo, era a zaga formada por Thiago Silva e David Luiz, cada um jogando mais do que o outro. Sem novidade alguma, portanto. Até porque os destaques anteriores da Colômbia, Cuadrado e James Rodriguez, não repetiram as atuações.

Thiago Silva já tinha feito o gol no primeiro tempo? Sim. No córner cobrado por Neymar, a defesa da Colômbia deixou a bola cruzar a área e, do outro lado, Thiago Silva emendou de joelho para a rede. Então, David Luiz decidiu que não ficaria atrás do companheiro.

No segundo tempo, quando o Brasil voltou a jogar mal como nas últimas vezes, ele apareceu na hora certa. Bateu uma falta de forma magistral, e desta vez nem Ospina viu a cor da bola.

Quando tudo parecia resolvida, a Colômbia pareceu no jogo, como não fizera desde o início. Júlio César cometeu um pênalti num momento de aperto, James Rodriguez diminuiu para 2 a 1, e a seleção brasileira sofreu no fim, até o apito da vitória. Agora, vai sofrer sem dois de seus destaques: Neymar, contundido, e Thiago Silva, suspenso por causa do segundo cartão amarelo.

Anexo 8 – A História por linhas tortas (08/07/2014)

Ainda bem que Luis Fernando Verissimo reconstruiu a História em sua coluna de ontem, aqui mesmo no caderno da Copa. Estou falando da História do futebol brasileiro. Porque a triste perda de Neymar, agora, foi relacionada com a igualmente triste perda de Pelé na Copa de 1962, no Chile. Com uma certa razão, mas por linhas tortas.

Foi (e ainda é) tão exaltada a discussão em torno do substituto de Neymar, nesta semifinal de hoje, com a Alemanha, que o sucesso naquela Copa do século passado foi praticamente atribuído pela imprensa ao sucesso, então, do substituto de Pelé. Era Amarildo, muito bom jogador, conhecido também como “Possesso”, que brilhou no Botafogo e no Milan, entre outros clubes.

A linha torta neste caso é que, de repente, e depois de tantos e tantos anos no rumo certo, a imprensa esportiva, inadvertidamente, resolveu mudar a História do futebol brasileiro e mundial, atribuindo a Amarildo o êxito pelo, então, bicampeonato mundial.

Pois é. Mas não foi bem assim. Mesmo cumprindo honrosamente o papel de substituto de Pelé, e mesmo marcando três gols na competição, não foi Amarildo o grande responsável pela conquista brasileira. Nem perto disso. É que a imprensa se esqueceu ligeiramente (espero que por um dia só) de outro personagem do futebol brasileiro e mundial conhecido pelo apelido de Garrincha. Mané Garrincha. Só isso.

Ouviram falar dele? Verissimo ouviu, e lembrou à imprensa esportiva, em seu artigo, que foi Garrincha que jogou por ele mesmo, jogou por Pelé, Amarildo e mais três ou quatro, para dar a Copa ao Brasil, como se a Copa fosse dele desde o início (vai ver que era).

Foi assim, historicamente falando — por linha reta —, a conquista da Copa do Mundo de 1962, no Chile. A comparação com esta em curso é que perdemos, também por contusão, nosso melhor jogador, Neymar. Só que, como escreveu há muito tempo o poeta Carlos Drummond de Andrade, “não há outro Garrincha disponível”.

Espírito em bom estado

Aliás, não existe tampouco outro Amarildo. Hoje, o substituto provável de Neymar (Paulinho ou William) não chega a ser um Amarildo. E os companheiros ao redor no ataque — Hulk e Fred —, estes é que não chegam mesmo a ser um Garrincha, para salvar a pátria.

Aquela outra seleção, a de 62, ainda que meio desgastada pelo tempo, era praticamente a mesma de quatro anos antes, a primeira campeã mundial do Brasil, em 1958, na Suécia, uma das melhores equipes de todos os tempos. A de hoje, embora tenha valor — e tem mesmo, tanto que está na semifinal da Copa —, não é das melhores seleções que já formamos no Brasil.

Quer dizer então que a Alemanha de logo mais já está com um pé na final? Não, não, não. O espírito da seleção brasileira me parece em bom estado, mesmo com a perda de Neymar. Pelo menos, é o que jogadores e técnico me passam. Além disso, tem ótima defesa e bom meio de campo, este sobretudo na tarefa defensiva. Ainda falta o ataque, que vira um mistério, sem Neymar.

Anexo 9 – Única saída: ressuscitar (09/07/2014)

O futebol brasileiro pentacampeão do mundo, os donos dos cinco títulos – jogadores, técnicos, torcedores de todas as épocas – não mereciam isso. Não mereciam saber disso, muito menos ver isso, presenciar isso, assistir a isso. Não merecíamos passar por essa vergonha, essa tragédia – e, vou dizendo logo, uma tragédia maior, muito maior do que a vivida no Maracanã, na Copa de 1950, quando perdemos o título para o Uruguai, por 2 a 1.

Não tem comparação. Quem imaginava que um dia fôssemos nos redimir daquela derrotam na primeira Copa realizada no Brasil, se sente, agora, na segunda, mais desencantado do que nunca, com a derrota de 7 a 1 para a Alemanha na semifinal. E quem achava que, lá atrás, tínhamos passado por uma vergonha, simplesmente não sabe o que dizer. Ou talvez saiba: uma humilhação.

O futebol brasileiro – aquele dos cinco títulos mundiais – só tem uma única saída: ressuscitas. Não há forma de remissão, de recuperação, de reação. O futebol brasileiro tem que nascer de novo. Tem que renascer. Para quem foi, para quem é pentacampeão do mundo, para quem tem um lugar definitivo na História, não deve ser impossível.

Jogo não foi tão atípico

Felipão teve um gesto bonito ontem, no fim do jogo, um gesto corajoso, apresentando-se em campo para abraçar seus jogadores. Mas errou na entrevista coletiva, como de hábito. Disse que o jogo foi atípico. Meio atípico talvez, pelos números do placar. Mas foi, ao contrário do que ele pensa, típico, rigorosamente emblemático, do atraso por que passa nosso futebol – nossos cartolas e nossos treinadores – em relação ao futebol dos melhores time e seleções do mundo. Esse jogo, essa derrota, essa goleada história tem que ser guardada na memória, para marcar o início de uma era de total reformulação